

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

DE CASTRO, Lúcia Maria Xavier. Lúcia Maria Xavier (depoimento, 2003). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (2h 45min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre SOUTH EXCHANGE PROGRAMME FOR RESEARCH ON THE HISTORY OF DEVELOPMENT (SEPHIS) . É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Lúcia Maria Xavier
(depoimento, 2003)**

Rio de Janeiro

2020

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): Amilcar Araujo Pereira; Verena Alberti;

Levantamento de dados: Amilcar Araujo Pereira;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Amilcar Araujo Pereira;

Técnico de gravação: Clodomir Oliveira Gomes; Marco Dreer Buarque;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 05/12/2003 a 05/12/2003

Duração: 2h 45min

Arquivo digital - vídeo: 3; Fita cassete: 3; MiniDV: 3;

Entrevista realizada no contexto do projeto "História do Movimento Negro no Brasil", desenvolvido pelo CPDOC em convênio com o South-South Exchange Programme for Research on the History of Development (Sephis), sediado na Holanda, a partir de setembro de 2003. A pesquisa tem como objetivo a constituição de um acervo de entrevistas com os principais líderes do movimento negro brasileiro. Em 2004 passou a integrar o projeto "Direitos e cidadania", apoiado pelo Programa de Apoio a Núcleos de Excelência (Pronex) do Ministério da Ciência e Tecnologia. As entrevistas subsidiaram a elaboração do livro "Histórias do movimento negro no Brasil - depoimentos ao CPDOC." Verena Alberti e Amilcar Araujo Pereira (orgs.). Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FGV, 2007. A escolha da entrevistada se justificou por ter sido uma das fundadoras da Criola, entidade do movimento de mulheres negras.

Temas: Assistência social; Associações comunitárias; Catolicismo; Chile; Discriminação racial; Esquerda; Gênero; Índios; Menor abandonado; Menor carente; Menor infrator; Movimento negro; Movimentos sociais; Mulher; Partido dos Trabalhadores - PT; Polícia; Racismo; Religiões afro-brasileiras; Serviço social; Violência;

Sumário

Entrevista: 05.12.2003

Fita 1-A: origens familiares; recordações do envolvimento da mãe com o candomblé; a infância na casa dos avós paternos; lembranças do início da formação escolar; a transferência para um quarto alugado, na Tijuca, com a mãe e as irmãs, aos 12 anos; a formação católica da família paterna e o envolvimento com escolas de samba; o contato com o kardecismo e a umbanda, a partir dos 12 anos, em função da amizade de uma família espírita; a entrada recente no candomblé; programas de juventude na Tijuca: grupo jovem de igreja e cinema; as escolas secundárias frequentadas pela entrevistada; a relação com a família espírita que ajudou a mãe da entrevistada e suas filhas a terem trabalho e estudo; os primeiros trabalhos da entrevistada, a partir dos 14 anos: em fábrica de materiais religiosos, em imobiliária e em escritório de advocacia; a preparação para o vestibular, em 1979.

Fita 1-B: a opção pelo vestibular para serviço social; características da família espírita que apoiava a entrevistada; recordações sobre o convívio predominante com negros durante a infância e as instruções da avó para se enfrentar o racismo; a discriminação racial na escola, na Tijuca; o ingresso no movimento negro, em 1981: influências da mãe, do grupo de jovens que frequentava escolas de samba e bailes soul, e o contato com o grupo Acorda Crioulo, da Cidade de Deus; estágios durante o curso universitário de serviço social, primeiro na Universidade Federal Fluminense (UFF) em Campos, e depois na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); a filiação ao Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN), em 1984.

Fita 2-A: o papel do IPCN na formação da identidade racial da entrevistada; os dilemas da profissão do serviço social; comparação entre as possibilidades de afirmação da identidade racial nos anos 1980 e à época da entrevista; a convivência de diferentes tendências, nos debates do IPCN; razões do rompimento com o IPCN e motivo pelo qual o IPCN está fechado à época da entrevista; a opção pelo movimento de mulheres negras e a importância da questão de gênero dentro do movimento negro; lembrança de algumas militantes do movimento de mulheres negras; origem da organização não governamental Criola, fundada em 1992, com participação da entrevistada; características do Centro de Articulação das Populações Marginalizadas (Ceap), fundado em 1989, e do IPCN, no desenvolvimento de ações sociais; o trabalho da entrevistada com crianças e adolescentes de rua, em articulação com atividades desenvolvidas no IPCN, como capoeira e cozinha afro-brasileira; o desenvolvimento do movimento de mulheres negras no Rio de Janeiro: articulação com associações comunitárias e movimento de favelas, a realização do I Encontro Estadual da Mulher Negra e a formação de organizações de mulheres negras; objetivos da criação da Criola, em 1992, e a importância da discussão sobre a homossexualidade, no movimento.

Fita 2-B: especificidades do movimento de mulheres negras; a falta de apoio da esquerda ao movimento negro; a importância do movimento de mulheres negras na luta contra o racismo: relação com o movimento negro e destaque na III Conferência Mundial de Combate ao Racismo, realizada em Durban, África do Sul, em setembro de 2001; descrição das atividades e da estrutura do grupo Criola: fundação, objetivos, desenvolvimento de

oficinas, relato de experiências, o projeto "SOS criolinha", fontes de financiamento; a criação da Articulação de Organizações de Mulheres Negras Rumo à III Conferência Mundial Contra o Racismo, em 2000.

Fita 3-A: a participação do movimento de mulheres negras na Conferência Regional das Américas, realizada em Santiago do Chile, em dezembro de 2000, como preparação para a Conferência Mundial contra o Racismo: relação com o movimento negro no Brasil, articulação com movimentos da América Latina e Caribe, contatos com o embaixador do Brasil em Santiago, relação com organizações dos povos indígenas; participação nas pré-conferências de Genebra e articulação com organizações africanas e de afrodescendentes; os debates sobre as questões relativas às mulheres negras no mundo: a semelhança de problemas e o surgimento de novas questões antes não cogitadas; a atuação durante a Conferência de Durban, entre 31/8 e 7/9/2001; atuação da Articulação de Organizações de Mulheres Negras: a participação na Conferência de Durban, sua reorganização no Brasil após a Conferência, sua estrutura e seu funcionamento à época da entrevista; a questão racial no Brasil, à época da entrevista: os limites das ações do Estado, as desigualdades raciais e o racismo no cotidiano, o significado das ações do movimento negro.

Fita 3-B: discussão sobre a instituição de cotas para negros nas universidades públicas; comentários sobre a postura da elite brasileira diante da questão racial no Brasil; a importância do trabalho de psicanálise realizado durante 11 anos; relato sobre violência policial sofrida pela entrevistada no Rio de Janeiro, em 1988; o trabalho com crianças de rua na década de 1980 e a opção pela questão de gênero na luta contra o racismo.

Entrevista: 05.12.2003

Verena Alberti – Lúcia, a gente queria começar do começo. Se você pudesse dizer um pouco para a gente onde é que você nasceu, a data do seu nascimento você deve lembrar... [risos]

Lúcia Xavier – Devo...[risos] Ainda lembro, até porque está pertinho do aniversário, eu lembro.

V.A. – Quando é o aniversário?

L.X. – Eu faço aniversário dia primeiro de janeiro. Eu sou de 1959, portanto, já estou na casa dos 44. Eu vou começar dizendo meu próprio nome. Meu nome é Lúcia Maria Xavier de Castro, e sou iniciada como uma digina, chama-se Mona Lewá.

V.A. – Não entendi. Iniciada como?

L.X. – No Candomblé, e tenho um outro nome, meu nome é Mona Lewá. Não é um nome que eu utilizo na minha ação política. Na ação política eu recebi um outro nome, Lúcia Xavier. Então raramente as pessoas me conhecem por outro nome, às vezes, inclusive, quando eu falo meu nome todo acham que é outra pessoa. Eu sou filha de uma empregada doméstica com um operador de som, que morreu muito novo, morreu aos 30 anos, eu tinha uns dois anos. E minha mãe era uma empregada doméstica e tinha três filhas, e foi ela que nos educou, que cuidou de nós, levou até algum tempo toda a nossa educação, toda a nossa formação.

V.A. – Qual o nome da sua mãe e do seu pai?

L.X. – É Neli Xavier de Castro e o meu pai é Inácio Antônio de Castro.

V.A. – E você nasceu aqui no Rio mesmo?

L.X. – No Rio.

V.A. – E as outras irmãs eram mais velhas?

L.X. – Uma mais nova e outra mais velha. Hoje em dia já não faz muita diferença, porque a diferença é tão pouca. Uma tem 42 e outra com 46, então a diferença... Aliás uma está com 43 e a outra com 45, porque elas fizeram aniversário agora em novembro.

V.A. – Aí você nasceu no Rio e...

L.X. – Nasci no Rio e vivi boa parte da minha infância entre dois bairros do subúrbio do Rio, Parada de Lucas e Rocha Miranda, porque meu pai morre quando eu tinha dois anos e minha mãe então vai morar com a cunhada dela, que na verdade não é uma cunhada, é uma prima do meu pai, e é na favela do Pinto. Passa lá algum tempo, depois desse período ela vai trabalhar como empregada doméstica e nós, então, passamos a viver com os nossos parentes por parte de pai. Porque minha mãe, de parentes dela, só tem dois irmãos, um homem e uma mulher, porque minha mãe foi dada muito nova, bebê, e essa segunda família é que mais tarde ela consegue encontrar os dois irmãos.

V.A. – Nessa segunda família é que vocês tinham contato com os dois irmãos? A primeira família...

L.X. – Não. A família que a adotou tinha contato e foi assim que ela encontrou os dois irmãos por parte de mãe, da mãe dela. Mas a família que nos acolheu e cuidava de nós era a do meu pai.

V.A. – E ele morreu de quê?

L.X. – Coração.

V.A. – Repentino?

L.X. – Ele tinha aquela doença que popularmente chamam coração de boi, que o coração incha, e morreu repentinamente em janeiro de... Olha as datas... Bom, eu tinha dois anos, então, em 1961. 20 de janeiro de 1961.

V.A. – Você lembra dele alguma coisa?

L.X. – Muito raramente, as imagens que eu tenho, são as das fotos de família.

V.A. – E sua mãe casou de novo?

L.X. – Não. Ficou viúva o resto da vida, com três filhas...

V.A. – Ficou viúva nova ela...

L.X. – Ficou, bastante nova. Ela tinha diferença de idade dele, acho que, dois anos, uma coisa assim, a mais. Então, se ele morreu com 30, ela devia estar com 32, por aí.

V.A. – E ela era daqui do Rio?

L.X. – Ela nasceu em Minas, mas viveu toda a vida aqui.

V.A. – E foi dada em Minas ou foi dada aqui?

L.X. – Aqui.

V.A. – A família veio para o Rio, e aqui é que ela foi dada?

L.X. – É.

V.A. – E o pai era de onde?

L.X. – Na verdade eu não conheço muito bem a história da família da minha mãe, eu conheço bem a história da minha mãe a partir do envolvimento dela com essa outra família que a cuidou, e que depois também, vai haver algumas mudanças nessa vida dela. Então o que eu sei, é que ela foi criada por uma mulher do Candomblé até uma certa idade, desde bebê. Ela dizia que essa mulher – ela nasceu de sete meses, então era muito pequenininha, sempre foi muito pequena, tinha 1 metro e 49 cm –, e ela então dizia que a mulher cuidava dela em uma caixinha de sapato, o primeiro berço, e dessa fase da vida, o que ela melhor lembra, era do marido dessa mulher, que passava muito tempo com ela, levava ela para passear, cuidava, e era um homem branco. Porque minha mãe era uma mulher mestiça, ela tinha a pele escura e o cabelo muito fininho, muito lisinho. E ela lembrava muito dessa fase, até que esse homem morreu, e essa família ficou com muitas dificuldades econômicas. Mas era uma família muito complexa, eu não sei te dizer bem como era a estrutura dessa família. Eles moravam na região que hoje é a rua do Riachuelo, Mem de Sá... Eles tinham origem no Candomblé, mas naquela época, se alugava quartos... Então minha mãe contava muitas histórias dessa época, dos malandros da Lapa... Ela falava muito do Brancura, que ela via rolar a navalha na janela, prendia a correia e amolava a navalha... Do entra e sai da casa, porque a gente não sabia se a casa também servia para outros fins. E depois, de alguns períodos que ela ficou muito doente. No período da guerra ela teve uma tuberculose na qual ela perdeu um pulmão, e ela conta então daí, a trajetória dela no Candomblé, as idas a Salvador, e aí, lá ela passa duas grandes cirurgias, e o encontro dela com a tradição. Essa é a parte que ela mais lembrava, mais contava, dessa fase, porque ela também já faleceu, faleceu em 2000.

E como é que era a família do meu pai? A família do meu pai era católica, todos os dois ramos, eram dois irmãos. Inicialmente, nós ficamos na casa do irmão que era tio do meu pai, não sei em que grau, ele tinha muitos filhos, acho que 14, 13, filhos, a mulher dele foi a última a morrer dessa geração. Morreu tem quatro anos, para você ver como era ela velha... Esse meu avô tinha uma família muito grande, morava em Parada de Lucas, e foi a primeira casa que nós ficamos, mas na verdade quem mandava na família era minha avó, que era irmã dele, que morreu com 84 anos. Ele morreu primeiro que ela, mas ele dizia que não era possível ela ter aquela idade, porque ele lembrava dela cuidando dele quando era pequeno. Ele sempre dizia: “Mas era ela que cuidava de mim quando a mamãe morreu, como é que ela tem a idade próxima a minha.” Porque ela não dizia a idade e dizia que tinha uma diferença de idade muito próxima a dele, tipo, dois anos... E ele dizia que não era possível, porque se

ela tomou conta dele quando era muito pequeno, não tinha a possibilidade de ter essa idade. Mas ela nunca disse, então, morreu com 84 anos, ela era de 1900, então morreu com essa idade. A gente ficava especulando, mas ela não dava a menor trela, e ela, um pouco, que ordenava a vida familiar, toda a última decisão era dela, desde o casamento, até o acolhimento, ou o afastamento da família, passava por ela.

V.A. – Qual era o nome dela?

L.X. – Maria do Carmo. Ela, nascida em 1900, então também contava suas histórias. Foi lavadeira de um Barão, era uma mulher negra com um único filho carnal, mas com uma família enorme. Eu me lembro que na fase que eu passei na casa dela, ela mesmo era a responsável por dois sobrinhos, que eram sobrinhos dela porque eram filhos de uma sobrinha que... A mulher, não é que havia abandonado os filhos, mas tinha uma vida que ela achava imprópria, então as crianças ficavam lá. Mas, além disso, eram crianças porque eram mais novos que eu, o menor era muito novo, tinha cinco anos, eu devia ter onze, ele tinha cinco, o mais velho tinha, mais ou menos, a minha idade, e mesmo assim ela ainda cuidava de um irmão, um tio, que ela cuidava porque estava muito doente, e mais de vários sobrinhos. Às vezes a casa tinha 11 pessoas, 20 pessoas entre crianças e adultos, todos eles sustentados, inicialmente sustentados, a maior base do sustento vindo do recurso dela, que lavou roupa até muito velha, eu me lembro adulta e ela ainda lavando roupa, e do filho que foi marinheiro, e que chega a embarcar para a Segunda Guerra, e não sei porque cargas d'água, volta da Guerra e aí se aposenta, e aí esse sustento da família aumenta bastante. Ela também tinha uma casa, aliás, todos os dois já tinham a casa própria. Essa é a história mais ou menos...

V.A. – Sua vida inicial com suas irmãs foi nessa casa muito cheia de crianças e de movimento, passando...

L.X. – A família muito grande e tomando, praticamente, os problemas da família, as dores e as alegrias tomando o tempo inteiro da vida. Depois disso minha mãe se aborrece com elas por vários motivos, e aí, eu e minha irmã mais velha vamos para um internato. Eu fico muito pouco tempo, eu passo um ano...

V.A. – Onde era o internato?

L.X. – Era no Lins de Vasconcelos.

V.A. – Qual era o nome?

L.X. – [risos] Começou o problema da lembrança... Conselheiro Lafaiete, eu acho. A casa ainda existe até hoje a rua Aquidabã. Eu entro, porque naquela época, eu entrei com 6, 7 anos, e saí com 8 ou 9 anos, e minha irmã passou muito tempo mais internada do que eu.

V.A. – Você saiu antes por causa de?

L.X. – Por causa da minha irmã que saiu. Quando ela sai eu saio também. Mas ela saiu desse internato, porque minha avó achou que não era muito bom ficar no internato, e aí, nos dividiu...

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

L.X. – ...Minha avó resolve nos dividir, e minha irmã vai para a casa de um filho desse meu avô, irmão dela, que tinha uma condição melhor e tinha um único filho, e aí, minha irmã vai para lá, fica por lá um bom tempo, e minha mãe que faz os contatos, que visita, porque minha mãe trabalhava, saía de 15 em 15 dias e aí, ela nos visitava nessa casa em Rocha Miranda, onde ficou minha irmã mais nova e eu, depois do colégio interno. Fazia essa visita, e aí era Pavuna, Baixada, já não lembro mais...

V.A. – Onde ficava sua outra irmã...

L.X. – E a gente fazia esse circuito...

V.A. – E essa casa de Rocha Miranda era de quem?

L.X. – Da minha avó.

V.A. – Ah. Então a divisão foi só em relação a sua irmã que saiu.

L.X. – É. Porque lá já tinha muita gente. E aí, para equilibrar o orçamento... E até porque na verdade, não era verdade que as famílias deixavam os filhos nas casas dos avós, dos parentes, e não contribuía. Contribuíam, mas para a minha mãe ficava bastante apertado como empregada doméstica, então ela contribuía nessa casa, e na outra ela não precisava contribuir, mas lá tinha menos gente. Era só a família nuclear, a mãe, o pai e o filho, e minha irmã foi para lá.

V.A. – E nesse internato, você chegou a aprender alguma coisa, enfim, foi o primário que você fez nesse internato, na escola...

L.X. – A gente era alfabetizada em casa. Quando eu entro na escola aos seis anos eu já era alfabetizada, minha tia, eu tinha uma tia, filha desse meu avô, que alfabetizava todo mundo. Então eu já entro alfabetizada, mas aí, eu faço lá uma parte do primário, depois eu termino esse primário em Rocha Miranda.

V.A. – Em uma escola municipal...

L.X. – É. Em uma escola normal.

V.A. – E aí, a continuação da vida...

L.X. – Bom, aí quando eu faço 12 anos minha mãe de novo briga com a família, e a gente tem que sair, todo mundo. E aí, minha mãe trabalhava com uma família, e essa família era uma família espírita. Essa família então... Era um casal com uma filha... E essa mulher, então, resolve que a minha mãe não vai ser mais empregada doméstica, que ela vai arrumar um emprego no comércio, porque como empregada doméstica ela não conseguia conciliar, viver a família e o trabalho. Aí, ela pega e aluga um quarto na Tijuca, e aí, minha mãe vem, pega a gente e leva para esse quarto na Tijuca. Eu tinha uns 12 anos, por aí, isso foi no final do ano e eu já fiz 12 anos nessa casa de cômodo.

V.A. – Ela trabalhou em quê no comércio?

L.X. – Ela trabalhou em uma loja que vendia produtos religiosos. De Candomblé, de Umbanda, de tudo...

V.A. – Quer dizer que desde cedo você teve uma formação no Candomblé...

L.X. – Não. Porque esse núcleo familiar, todos os dois, eram católicos, e católicos mesmo. Não eram católicos só de...

V.A. – Falar da boca para fora...

L.X. – Não. Iam à missa, eram batizados, todo mundo passava pelo catecismo, minha avó tinha presença na igreja, parte das roupas da igreja eram lavadas na casa dela... Então, não era uma relação distante não. Até hoje, o outro núcleo, formado pelo meu avô, segue católico, católicos e de samba. Da minha avó não, da minha avó seguiram católicos, mas não de samba. Nenhum deles tinha essa vivência no samba. E essa vivência no samba a gente adquire aqui, porque, já desde pequeno a gente vê as fotos saindo na Unidos de Lucas, da qual, um dos meus primos, tios, que a gente chama de tio, porque eram todos mais velhos, fazia o desenho dos protótipos da escola de samba... Agora eles migraram, boa parte deles, quase toda a família que ainda frequenta o samba, migrou para a Tradição. Um deles morreu a um ano atrás, ou dois, o que era mais envolvido com essa coisa do samba. Aqui nesse momento a gente não tem relação com...

V.A. – Mas sua mãe, desde cedo tinha, não é? Pelo que eu entendi, ela foi para a Bahia antes de vocês nascerem...

L.X. – Tinha. Tudo que a gente sabia de Candomblé era ela que contava, desde cedo. E aí, quando a gente vai morar com ela a gente toma contato com esse mundo espírita kardecista, mas ela nunca nos impôs uma religião. Esse grupo era espírita kardecista com uma tendência mais de Umbanda, então eles tinham aqueles cultos de mesa etc. e também essa coisa da

Umbanda, de receber os pretos velhos, os caboclos... então isso aqui, desde essa fase, passa a ser uma constante em nossas vidas. Mas, por exemplo: Eu tomo contato com o Candomblé, mais precisamente, já atuando no Movimento Negro, através de uma pesquisa, conhecia, sabia, não tinha a menor relação, e só entro no Candomblé muito tempo atrás, aliás, faz muito pouco tempo.

V.A. – Quando você foi iniciada como Mona Lewá, já é muito mais para cá?

L.X. – Isso. Seis anos, sete anos. Eu não entro para o Candomblé tão cedo. Minha família, aí sim, minha irmã mais velha tem 15, 16 anos de iniciada, mas eu sou quase a última a ser iniciada da família. Nesse momento a gente toma muito contato com isso. A presença da religião é muito forte, porque aí, era a estrutura do kardecismo com a Umbanda, e também, por outro lado, vivendo na Tijuca a gente volta a tomar contato com a Igreja Católica por causa dos grupos de jovens. Então tinha toda aquela afinidade, você ia onde o grupo ia, então a gente ia muito na Igreja Católica... Em duas especialmente. Uma na... Esqueço o nome da santa, Nossa Senhor de não sei o quê... No Colégio Militar, que é muito próximo de onde a gente morava, e a outra era Santa Terezinha, acho que era Santa Tereza, já não lembro também. Era na Mariz e Barros onde tinha um cinema, e a minha mãe todo final de semana nos dava dinheiro para ir ao cinema. Então a gente ia para a igreja, também passava sempre lá, porque mais tarde eu estudei no Prado Júnior, então a gente passava muito ali. Então eu assistia missa, casamento, batizado dos amigos, e também o cinema. Então a Igreja Católica nunca ficou muito distante. Mas depois disso, a maioria na vida adulta passa a frequentar o Candomblé.

V.A. – Esse Prado Júnior era uma escola...

L.X. – Era um ginásio. Porque quando eu vou para a Tijuca, eu ainda estou fazendo o primário, estou no final do primário, e tinha mais uma ano, que era o famoso admissão, então eu ainda estudo um ano ou dois em uma escola primária na Tijuca, no mesmo quarteirão da minha casa, e minhas irmãs também, a mais nova e a mais velha. Depois, no ginásio, aí eu já vou para o Prado Júnior. Depois do Prado Júnior eu termino, vira o científico, aí eu passo a estudar no João Alfredo em Vila Isabel. Depois eu perco um ano em Matemática e vou para

Orcina da Fonseca, também na Tijuca. Que já era uma escola diferente, porque antes foi um colégio interno para as mulheres, depois mudou, virou uma escola comum.

V.A. – E aí, pelo seu currículo, que você mandou para a gente, você fez Serviço Social na UFRJ, já em 1984 você se formou... Como é que foi a escolha?

L.X. – Na verdade, essas coisas da vida... Essa família que apoia minha mãe, eles vão acompanhar a gente até a vida adulta, eles se tornam amigos, porque ela foi patroa da minha mãe, e aí elas se tornam amigas e é ela...

V.A. – Qual o nome dela?

L.X. – Maria Regina. E é ela que vai dar o apoio à minha mãe, não é o apoio financeiro, mas esse apoio de tocar as coisas, participar da vida... E aí ela...

V.A. – Ela morava onde?

L.X. – Na Moraes e Silva. Nós morávamos na Professor Gabizo e ela na Moraes e Silva. Eram dois quarteirões, no máximo, de diferença da casa. Então, qualquer coisa que acontecia conosco a gente a procurava e vice-versa, e ela resolvia. Isso para a minha mãe não se deslocar do trabalho.

V.A. – Essa loja era dela?

L.X. – Não. Como espírita, eles tinham um grupo de amigos, e essa loja era de uma amiga dela. Ela era uma pessoa especial, dessas pessoas que você não nega nada nunca, e na verdade, ela era uma mulher de classe média que aos 21 anos se separa do marido, com uma filha pequena, porque se apaixonou por uma pessoa, e a família dele odeia ela, e a família dela muito preocupada, porque naquela época uma mulher desquitada... Na verdade eu não sei se ela se separou porque se apaixonou, ou se foi abandonada, mas na verdade a história dela começa assim. E ela era daquelas pessoas, achava que nasceu para ajudar as outras pessoas, então, ela juntava os recursos que ela tinha e fazia isso. No fundo, no fundo, quem

ajudava mesmo era o marido, que era quem tinha estrutura, ele é quem tinha, ele era classe média-alta, oriundo do Jacaré, mas ele tinha lojas, a família dele tinha lojas na rua da Alfândega, de móveis de escritório, tinham imóveis...

V.A. – O marido do qual ela se separou?

L.X. – Não. O que ela casou. E ela fazia a benesse com os recursos dele. [risos] Então, se batia na casa dela, não tinha comida, ela dividia o que tinha e dava. Ela não tinha dessas coisas. Ela fazia ele pagar cursos para as pessoas, ela inventava histórias... E ela então é que arruma esse emprego para minha mãe, eles tinham uma fábrica de produtos religiosos, faziam banhos, cuidavam de ervas, da qual eu também trabalhei lá. E tinha uma loja na 20 de abril, no Centro. Essa loja muda para a Senhor dos Passos, e quando ela está na 20 de abril, minha mãe começa a trabalhar lá. E depois, quando ela muda para a Senhor dos Passos minha mãe vai junto e trabalha nessa loja até a loja fechar. E sempre assim, nessas relações familiares.

Amilcar Pereira – A Maria Regina era negra?

L.X. – Não. Era uma mulher branca e muito branca. Não sei que origem tinha, mas era uma mulher branca. Ela então arruma esse emprego, e, depois ela decide, no meu caso foi ela que decidiu, que eu não podia seguir o mesmo caminho da minha mãe. Ela disse: “Não. A gente tem encontrar uma forma de você estudar.” Então, ela pediu a um afilhado de casamento que me arrumasse um emprego no escritório. Porque primeiro ela pediu para esse casal que arrumou esse trabalho para minha mãe, para arrumar um para mim. Aí eu comecei a trabalhar nessa loja, na fábrica. E aí ela via que não ia conciliar o tempo de estudo e a fábrica. Então eu comecei a trabalhar na fábrica, e quando começou o ano letivo ela achou que não ia dar certo, aí convocou um outro parente, um afilhado de casamento que tinha um escritório, que era corretor de imóveis. Então eu trabalhei, aí eu saí da fábrica e fui trabalhar com ele. Tem um período de meio ano, que eu saio daqui para lá e a situação fica difícil “para caramba”, porque mesmo a gente trabalhando, a situação econômica era muito difícil, e aí ela resolve que para minha mãe não me ocupar com outro trabalho, ela me bota para fazer um curso de corte e costura, no Sindicato dos Telefônicos, que era na Moraes e Silva, que é até hoje. E aí, eu aprendo corte e costura, mas raramente eu costuro, até costuro, mas raramente. Aí eu vou

trabalhar nesse período, e ela obriga o cara a me dar o tempo para terminar o curso, porque se um dia acontecesse alguma coisa eu saberia costurar, e aí eu vou trabalhar com esse cara e trabalho com ele um bom tempo.

V.A. – Você tinha quantos anos?

L.X. – 15... Eu começo a trabalhar com 14... Isso tudo vai até os 18 anos, quando eu já estou terminando o científico e aí, o marido dela descobre que tem um tumor na hipófise, não, um pouco antes. Quando eu estou já com uns 18 anos, esse rapaz que tinha esse escritório resolve... ele foi um dos primeiros moradores na região da Barra, e aí ele resolve transferir o escritório dele para a Barra, e aí, ele não tinha condições financeiras de, ainda assim, continuar me contratando. Porque ele virou construtor de piscinas, ele fez de tudo nesse período, e também fazia vendas de imóveis. Ele faz essa transferência e eu não posso ir com ele, aí ela me emprega com o marido dela, no escritório dele, porque ele era advogado. E o que acontecia? Ele trabalhava mais com a família, para a família, cuidando da loja, do que como advogado. O que acontecia era que eu ficava lá, eu atendia os telefonemas, via os processos, mas eu passava mais tempo livre para estudar, porque ele ia raramente no escritório. Eu passo o tempo lá e o que eu faço? Fico lendo aqueles livros todos de Direito, Medicina Legal... Aí um dia ela descobre que eu fazia isso. Que boa parte do tempo eu ficava lendo todo o material que tinha lá. Ele por acaso tinha uma biblioteca muito grande em casa, e também lá. No escritório ele tinha uma biblioteca enorme, ele não tinha só o material de Direito, ele tinha livros, ele tinha uma série de coisas. E como ele era espírita também, ele tinha uma coleção de livros espíritas... E era muito engraçado, porque minha mãe era... Não tinha o primário completo e ele era muito erudito, tinha um conhecimento erudito muito grande, e eles trocavam livros. Ele lia um livro e emprestava para a minha mãe, minha mãe lia um livro, não sei onde, emprestava para ele... e aí a minha tia descobre que eu fazia isso, e acha, então, que eu devia estudar Direito. Então, comecei a me preparar para fazer o vestibular para Direito. Aí tem uma cena muito engraçada, porque aí, ela viu, porque o vestibular, naquela época, não era essa grande concorrência, mas era muito concorrido. Então ela achou que eu precisava de um reforço escolar, e aí, eu trabalhava com ele, ela pediu a ele meio expediente, porque tudo isso quem negociava era ela mesmo... E ela tinha um amigo, um cara que ela tinha um amizade longa, da qual ela, inclusive, emprestava o prestígio dela

para ele. Ele era um vereador, ele era advogado, sempre foi advogado, ainda está vivo hoje, que é o Gelson Ortiz Sampaio. E ela então, um dia me pega e vai até a casa do Gelson, e ela era cabo eleitoral do Gelson. Nós vamos no gabinete dele, depois ela me leva em um encontro na casa dele, para me apresentar a ele, e dizer a ele que ele precisava me ajudar. E aí ele me dá um cartão para um amigo que tinha um curso no Méier, Colégio Méier, que já acabou, hoje é um pátio. Quando eu entrei já estava acabando, dura um tempo mais, e hoje é um estacionamento. E aí esse cara me dá uma vaga na última turma do científico dele, que era preparatório para o vestibular nesse colégio. Então eu começo a estudar lá faltando uns seis meses para o vestibular, uma coisa assim, eu não me lembro mais. Eu me lembro que foi um ano que choveu muito. 1979 chovia muito. Eu me lembro disso porque todas as vezes que eu me lembro de estar indo para lá sete horas da manhã, estava chovendo. E aí, esse cara então me dá essa...

[FINAL DA FITA 1-A]

L.X. - ...Sem pagar nada, e eu vou para lá estudar... Certamente teria muitas dificuldades, e aí, fico lá até terminar esse período, até fazer o vestibular.

V.A. – Então você fez o vestibular em janeiro de 1980?

L.X. – Isso. Mas eu fui desvirtuada pela própria filha dela, que um dia perguntou assim para mim, ela ia fazer para medicina, e aí perguntou para mim: “Você vai fazer para Direito mesmo? Porque? Você gosta?” Eu falei: “Gosto.” Ela falou: “Mas tem uma coisa, que eu acho que é a sua cara.” Eu falei: “É?” Ela falou: “É. Uma profissão chamada Serviço Social. Eu vou trazer um material para você ver.” Aí eu vi. Cheguei lá, abri a ementa do curso, era: Política, Antropologia, Ciências Sociais, Direito... Eu falei: “Adoro isso aqui. Isso é a minha cara.” Deixa estar que eu tenho uma verve para o Direito muito grande, mas na verdade o que eu vi ali, hoje, depois de muito tempo, eu confesso que era a minha perspectiva dispersiva, eu sou uma pessoa dispersa, e ali era tudo o que eu queria, era dispersão total. Um pouco de tudo. Eu já iniciava com Filosofia, Psicologia, Direito, só não tinha música e arte, o resto todo tinha. E até hoje a formação de Serviço Social é assim, Política, agora é Políticas Públicas, antes era Políticas Sociais, Ética, Antropologia... Eu falei: “É isso que eu quero.” Aí

eu vou, me preparo para o vestibular para a UFF, que tinha a noite, porque aí eu já tinha que arrumar um emprego mesmo. Não, aí eu me preparo para o vestibular e a UFRJ não era a minha primeira opção, porque era de manhã. Aí eu me preparo para a UFF, que tinha a noite, e ela me obriga, essa minha tia, a botar UFF Campos. Porque ela achava que se houvesse algum problema eu podia me mudar para Campos, porque ela também tinha um amigo lá. Tudo na base das relações. Isso é a vida da classe média brasileira. E aí eu me inscrevo para Serviço Social, e ele fica muito triste, porque afinal de contas ele já achava que eu era a herdeira dele, do escritório dele...

V.A. – Qual era o nome dele?

L.X. – Alfredo Roberto Sinelle. Ele faleceu há pouco tempo em 2000 e...

V.A. – E ela se chama Maria Regina Sinelle também?

L.X. – Horta, Maria Regina Horta. Eles nunca se casaram. E ele, por sinal, tinha uma mãe fantástica também. Já era uma senhora velhinha que enxergava muito mal, mas dirigia... Também me apoiou muito, e mandava também na família inteira. Era outra figura também. Umhas mulheres completamente doidas.

V.A. – Igual a Maria do Carmo também, mandava em todo mundo. Tudo matriarca...

L.X. – Só que a Maria do Carmo era Negra e as outras duas eram brancas. Mas eram da mesma estirpe, e no final eram elas que davam os veredictos. E deixavam os caras fazerem... Essa, a mãe do Alfredo, ela era do tipo que sabia que o filho destruía o que ela construía, porque ele deixava perder prazo de processo, as vezes os terrenos estavam todos... Eles tinham dois prédios perto de casa, mas eu não sabia que ele deixava perder prazo de processo, deixava a pessoa morar lá seis meses sem pagar, fazia umas coisas assim, deixava as coisas rolarem... Mas ele fazia o que ela queria, então ela dava todo o apoio a ele. O outro filho que era todo certinho, não tinha a mesma regalia que ele, porque no final das contas quem mandava era ela, então como ele fazia como ela queria, então ela dava toda a regalia para ele. Mas todo mundo...

V.A. – As suas irmãs foram fazer universidade?

L.X. – Não.

V.A. – Porque ela viu em você alguma coisa especial. Porque você não podia ficar trabalhando...

L.X. – Acho que, porque eu era muito certinha, muito comportadinha. Na verdade, o xodó dela era a minha irmã mais nova, mas a minha irmã mais nova sempre foi muito espevitada, muito azeda, qualquer coisa saía xingando, falando alto... E na verdade, eu era muito boazinha porque minha mãe me fazia muito boazinha. Minha mãe era muito sensitiva, ela dizia assim: “Vai lá no orelhão, liga para a Verena, porque ela está passando mal.” Aí eu ligava e você estava passando mal, só que quem ia acudir não era ela, era eu. Ela falava: “Então agora você vai lá acudi-la.” Então, na verdade, ela me fazia uma boa pessoa, nesse sentido. No final do ano eu tinha que escrever... ela não queria escrever cartão para ninguém, então ela me fazia escrever os cartões de Natal em nome da família. Então eu era sempre a pessoa legalzinha, e, lógico, evidente, também a pessoa mais controlada por ela. Então, ao final das contas, as pessoas sempre achavam que eu era muito boazinha. Minhas irmãs até me “sacaneavam” muito com isso. Diziam que eu era a “santinha do pau oco”. Então cada vez que eu deslizava, alguém caía de pau: “Não pode.” Porque eu já era tão boazinha, como é que eu ia cometer tantos erros? Mas na verdade era a minha mãe.

Eu custei muito para descobrir isso, que era ela que me fazia assim tão legal. E era mesmo.

V.A. – E a Maria Regina...

L.X. – E aí, ela gostava muito da minha irmã mais nova... Chegou a dar um certo apoio com a coisa do esporte, ela tinha uma casinha na Barra e lá tinha uma piscina. Então ela ia para lá para ajudar, ver a construção, e levava minha irmã para ficar nadando na piscina, para aprender a nadar... Ela era meio doida. Ela não tinha dinheiro, mas ela pegava os recursos que ela tinha e ia transformando aquilo no que desse. Alguém estava precisando de um dentista, ela conhecia alguém que era dentista, ela te obrigava a atender a pessoa.

V.A. – E certamente a rede do espiritismo ajudava muito, não é isso? Porque o conhecimento de um e de outro...

L.X. – Isso. E era ela a pessoa que centralizava essa rede.

V.A. – Além de ser política, cabo eleitoral do vereador, também tinha essa rede dos conhecidos da própria religião, que um ajudava o outro...

L.X. – É. E acho que ela conheceu o Gelson assim, porque na verdade o Gelson era...

V.A. – Espírita também...

L.X. – E oriundo do bairro onde ela viveu. Era assim que ela ia fazendo: pedia o favor de um, ajudava o outro, às vezes, muita ajuda espiritual, porque essa era a função dela. Mas era nisso ela ia fazendo as trocas e acertando a vida a vida das pessoas. Alguém sabia que ela era espírita, aí ia em uma consulta na casa dela, porque ela consultava na casa dela, e dali, se a pessoa era mecânico acabava consertando o carro do Fulano que não tinha... era uma confusão. E ela tinha uma vida... Naquela época na Tijuca, o final da Moraes e Silva era um prédio e várias casas, tinham dois prédios, um onde ela morava, no 17, e um no 15, que era uma casa na frente, que é até hoje assim, e um prédio atrás. Aqui tinha um laboratório, o Gifone, O Gifone morava na frente e o laboratório... Não sei se ele morava, mas o laboratório era lá, e aqui assim, eram várias casas. Até a chegada do Metrô, daquela região ficar um pouco mais... Era assim.

Então, essas famílias dessas casas aqui, elas se comunicavam, elas faziam festas juntas, elas faziam... Esse meu tio tinha uma Kombi, ele juntava as crianças todas e levava para o Alto da Boa Vista, levava para a Ilha, porque ele tinha uma casa na Ilha, então levava para a Ilha para pescar... ele juntava os garotos, as moças, depois na idade de adolescentes esses garotos viviam todos juntos. Então ela tinha uma intensa vida comunitária também naquele lugar, então era impressionante como ela conhecia quase toda a rua, até o quarteirão onde ela morava, era um quarteirão extenso, então do começo do quarteirão até o final ela conhecia. Era uma dona de casa, ela ia a feira no bairro, conhecia todo mundo.

V.A. – Você contando assim, a impressão me dá, não sei, gostaria de fazer essa pergunta, é que, nesse início da sua vida talvez você não tivesse tido experiência de discriminação racial, que era tudo uma coisa só, brincava com todo mundo junto, com crianças brancas e negras e tudo, ou não, estou enganada?

L.X. – Não. Está enganada. Porque até os 12 anos, meu universo era eminentemente negro. Uma pessoa branca na minha família geralmente era alguém de uma outra classe, de um outro bairro, que vinha por causa desse contato. Quase todas as mulheres trabalharam em empregos domésticos. Então, por exemplo: Minha mãe trabalhou com uma família muito tempo, até o chefe dessa família morrer, que às vezes eles iam visitar, participar de alguma atividade na família da minha avó. Mas era muito raro. As mais clarinhas da família eram pessoas como o Amílcar. Não tinha essa distinção tão profunda. E era um bairro eminentemente negro. A gente tinha uma vizinha branca, o resto era todo mundo negro, a escola era 100 % negra, então você não tinha muita... Não é que não tivesse discriminação. Ao contrário, tinha tanta, que a minha avó instruía a gente.

V.A. – O que ela falava?

L.X. – Por exemplo: Do nosso comportamento. E as crianças que ela cuidava diretamente, porque por exemplo, nessa mesma família tinha gente responsável por cada grupo: Minha tia, mulher do filho dela, cuidava de mim e da minha irmã, e ela cuidava desses dois sobrinhos que ela tinha ficado responsável. Um deles era muito negro, e aí ele tinha a tarefa de ir para a escola limpo e voltar limpo, não podia se sujar. Tanto que quando ele ia brigar, eu segurava a roupa dele, ele batia em quem tivesse que bater, se limpava todo, se vestia de novo e chegava em casa sem um pinga de suor. Então a gente era muito instruída. Você imagina: Eu, na faculdade e minha avó dizia: “Não namore um homem branco, você vai ser discriminada.” A gente sempre foi muito instruída para enfrentar o racismo.

Agora, quando eu mudo de região, aí a situação é mais complexa, porque não era só comigo, era comigo, por exemplo: Na minha turma era eu e um garoto. Eu e o Francisco.

V.A. – A turma de quê, que você está dizendo?

L.X. – No primário ainda, na Tijuca. Éramos os dois negros. O Francisco era classe média, eu não. Nós éramos os únicos dois negros da sala. Tudo de errado era o Francisco. O Francisco tinha lápis, tinha borracha, tinha caneta, tinha hidrocor, tinha tudo isso, mas se sumisse alguma coisa, era o Francisco. Já havia uma clara diferença. Eu podia não dar o nome de racismo, mas já sabia que essa diferença era grande. E lógico, você vai sendo rechaçada, vai criando os conflitos, os problemas... Por exemplo: Eu tinha uma vizinha de origem alemã. Minha primeira briga na escola foi por causa dela, que resolveu que eu deveria sair da cadeira onde estava sentada para ela sentar. Eu disse: “Não.” E ela disse: “Porque você já comeu lá em casa, você mora na casa de cômodo, porque você é preta, porque você é isso...” Peguei a cadeira e joguei nela. Só isso que eu fiz. Era o mínimo que eu podia fazer. Depois peguei a cadeira de volta e sentei.

Mas os conflitos já existiam. Eu me lembro que a primeira paquera que eu tive escola com 14 anos era um rapaz mais velho, 18 anos, e ele morava, onde hoje é a zona de prostituição do Rio agora, embaixo da linha férrea na Praça da Bandeira. Hilário de Gouveia, Hilário Ribeiro, sei lá que rua era aquela... E eu me lembro de umas amigas falarem: “Você não pode namorar esse cara. Ele é negro.” Era assim. Eu não dava o nome com todas as letras, mas já sabia que essa diferença existia. A gente era usuário de caixa escolar, você tinha um retardamento para começar na aula, porque você precisava de todo o material, se esse material se atrasasse você não tinha como começar a estudar. Então tudo isso era visível. Apesar de que na Tijuca, as coisas eram muito organizadas, mas já era claro.

V.A. – Esse da caixa escolar, você esperava a verba para poder comprar o material?

L.X. – Não. Porque a caixa escolar era doação da escola e da comunidade. Então se comprava o material, então, por exemplo: Você sabia quem era da caixa escolar pelo pé, pelo sapato que usava. O uniforme não, mas o sapato era diferente. Às vezes não dava tempo de comprar o livro para todo mundo, então você não podia começar a aula sem o livro. Então essas diferenças já eram visíveis.

V.A. – Essas escolas eram públicas?

L.X. – Públicas.

V.A. – A minha pergunta foi por causa desse fim de rua que você estava descrevendo, que todas as crianças juntas vão passear de Kombi... Eu achei que não havia tanta diferenciação assim, pelo que você estava falando...

L.X. – Eu, por exemplo, não sou desse grupo. Eu estava explicando como é que ela tinha uma série de relações naquela região.

V.A. – Vocês não brincavam ali naquele fim de rua?

L.X. – Não. E quando nós chegamos, esse fim de rua também já não era essa coisa toda. Os adolescentes já estavam se tornando adultos.

V.A. – E como é que foi então, essa direção, como é que ela foi se formando, a sua direção para o Movimento Negro, ou para alguma atuação em relação à discriminação, como é que você foi se direcionando?

L.X. – Minha mãe, como minha avó, também tinha uma consciência racial muito forte. Ela que dizia que a gente era negro, que sofria discriminação porque era negro, contava as histórias, remontava as histórias do Candomblé para nós, dessa origem. Ela que dava os livros para a gente ler. Então ela acabou nos mostrando que esses caminhos eram assim. Ela não falava tão facilmente, como hoje eu digo, que uma pessoa pode discriminar a outra, mas ela muitas vezes mostrava como é que isso tinha a ver com a nossa origem, com a nossa condição, e o que isso representava na nossa vida. E por isso ela exigia da gente então, uma reação a isso, uma postura na escola, uma postura na vida, um cuidado pessoal...Exatamente para contrapor à essa ação negativa que a gente poderia viver. Mas nesse período, na década de 1970, principalmente na década de 1970, o jovem tinha uma perspectiva da beleza negra, do viver junto, de participar das atividades juntos, então, quem eram os nossos companheiros nessa fase? Eram jovens soldados militares, empregadas domésticas da região, um ou outro jovem da escola... Mas geralmente, esse grupo era formado desse pessoal. Os jovens que tinham a mesma idade que a gente tinha em Rocha Miranda ou em Parada de Lucas. E era

com eles que a gente saía, saía para os bailes, saía para o samba, e daí a gente foi reconhecendo esses espaços e aí foi formando essa ideia. Tanto que eu só entro no Movimento em 1981. Foi a primeira vez que eu encontro um grupo, que naquela época não se dizia um grupo antirracista, mas dizia que era um instituto de pesquisa, como o próprio IPCN, pesquisas das culturas negras, era tudo assim... Tudo voltado para a questão do conhecimento, mas que no fundo era só organização política.

O primeiro grupo que eu conheço e que eu vou fazer parte, eu sou levada, exatamente, por jovens que frequentavam esse grupo, que frequentavam os bailes de soul, depois de funk, e que também frequentavam os bailes das gafieiras, o show do Bebeto, o show de não sei quem... E também o samba.

V.A. – Que grupo foi esse?

L.X. – O Acorda Crioulo na Cidade de Deus, que é o primeiro grupo que eu participo. Eu vou para lá levada por um amigo desses que morava na Cidade de Deus e que andava em tudo que era manifestação cultural que a gente andava também. Porque minha mãe também tinha uma proximidade, uma vivência com o samba muito grande, então, nós frequentávamos o samba da região. A escola que ela permitia que a gente frequentasse era a Vila Isabel, que era mais tranquila. Ela era salgueirense, então uma vez por ano ela ia ao Salgueiro de qualquer jeito, e a gente ia com ela. E depois a Mangueira que era praticamente nossa vizinha. Então, no mundo do samba, a gente percorria todas as escolas nos finais de semana. E, ao mesmo tempo, os bailes. Os bailes de funk, os bailes de soul, as atividades nas casas dos amigos, desse grupo de pessoas que frequentavam, e era um grupo de jovens muito grande.

V.A. – E aí esse seu amigo leva...

L.X. – Me leva para esse grupo. E a primeira coisa que eu escuto quando eu chego lá é que ali não era um grupo para arrumar namorado. Porque eu fui com um amigo que era quase um namorado. Na verdade nem foi namorado, mas era assim que todo mundo achava que era, até porque ele namorava deus e o mundo. Apareceu lá comigo, então eu devia ser namorada dele. E aí lá eu começo a ver essa proximidade, eu já estou na universidade também, mas não é lá que eu começo a militar com a questão racial. Porque? Porque lá era um grupo de moradores

da Cidade de Deus, era o Adalto Pereira, o Edson Santos, várias outras pessoas, o próprio Éris Cardoso, que foi quem me levou para lá... Era um grupo enorme de homens, e tinham muito mais homens do que mulheres. E tinha as mulheres de lá também, todas muito poderosas, muito firmes, mas esse grupo também atuava na ação social local, eles faziam parte de uma associação chamada COMOCID, era uma associação de moradores da Cidade de Deus.

Essa associação, ela tinha entrada, tinha gente que era do PT, gente da escola de samba, gente que atuava com Saúde, que queria melhoria das condições de habitação, discutia a questão do transporte... Então quando eu cheguei lá era muita coisa, e aí, a questão racial acabou se diluindo, se perdendo naquilo. Hoje o que eu entendo que era a base do processo, que ajudou aquele grupo a pensar uma Cidade de Deus melhor, não ajudou a pensar nessa condição que fazia com que a Cidade de Deus fosse o que é hoje, fosse o que era antes e é hoje. E aí, lá eu me envolvo um pouco com a questão da Saúde, porque havia uma discussão direta, lá, o chefe do Posto de Saúde era negro, ainda por cima. Então lá as discussões em relação à saúde da população eram muito fortes, como eram da Educação, como eram do Transporte... A Cidade de Deus é famosa por mudar a ação do transporte na cidade, na cidade como um todo. Qualquer problema de transporte na Cidade de Deus, era o que acontecia mesmo, porque se parava o ônibus, se queimava pneus, não deixava passar, então, era um movimento muito forte.

Mas eu não queria aquilo, até porque eu não era de lá, eu morava na Tijuca e fui movida para a discussão do racismo, e lá a ação era mais comunitária.

V.A. – Você começou a trabalhar na área de saúde...

L.X. – Lá eu participava muito da ação de Saúde.

A.P. – Em 1978 você já tinha 18 anos... Você acompanha o surgimento de entidades nos bailes soul que você ia...

L.X. – Não.

A.P. – Isso não aparece?

L.X. – Não.

A.P. – MNU... Você não tinha ouvido falar...

L.X. – Eu escuto falar em MNU em 1979, mas a minha ideia é outra, completamente outra. Eu já participei dos encontros do MNU no Rio de Janeiro, em vários lugares...

A.P. – Depois...

L.X. – É. Porque até 1978 as discussões que se tinha... Nos bailes não se tinha discussão, se vivia a dimensão da condição racial em um patamar superior, de... Somos negros, somos bonitos, somos isso, somos aquilo... Acabou. Dali, é evidente que a gente circula nas atividades do Movimento Negro, mas não com essa dimensão organizacional, institucional. Isso eu só vou viver em 1981. Tanto que fui a vários encontros, várias atividades, mas nunca me senti parte. Só em 1981 que eu viver isso.

A.P. – Em 1981 no Acorda Crioulo.

L.X. – No Acorda Crioulo.

A.P. – Depois você passa pelo CEAP também?

L.X. – Não. Em 1981 eu vou para o Acorda Crioulo, fico lá até 1982, por aí...

V.A. – Nisso, fazendo Serviço Social no Fundão...

L.X. – Não. Na Praia Vermelha. Porque na verdade, eu não começo na UFRJ, eu começo na UFF. Eu passo na UFF...

A.P. – Em Campos?

L.X. – É. Eu passo na UFF, e eu podia começar no segundo semestre na UFF aqui em Niterói, ou ir para Campos. E aí, minha tia, que tinha um amigo que ela fez uma amizade não sei aonde, em Campos, resolve que eu vou para Campos. Aí ela falou: “Aceita e vamos para Campos.” E aí o que ela faz? Ela faz esse meu tio pagar, eu continuar trabalhando para ele. Como que eu trabalhava para ele? Ao final do mês eu vinha, preparava todos os recibos, todos os documentos que ele precisava...Ele já estava muito doente, ele descobriu que tinha um tumor na hipófise, e eu venho para fazer esse trabalho, para deixar tudo organizado, porque agora todo mundo está em torno dele porque ele está doente, e ele então, em função desse trabalho, paga a minha pensão, que me dá direito a moradia e alimentação, e aí eu vou para Campos, começo em janeiro em Campos, vou para lá, me mudo. Eles me levam para a pensão, para conhecer o lugar onde eu vou ficar. E esse amigo deles fica... Se eu não me adaptasse a pensão, ia para a casa dele. Mas como eles também se conheceram em um momento de doença, ela acha que o importante é que ele saiba que eu estou lá e que ele resolva todos os problemas que por ventura vierem a surgir em Campos. E aí eu fico em Campos de 1980 até início de 1981, quando eu volto.

V.A. – Aí você pede transferência...

L.X. – Peço transferência para a UFRJ.

V.A. – Porque em Campos você não...

L.X. – Não, adorava. Achei que ia viver lá o resto da minha vida.

V.A. – E o que aconteceu?

L.X. – Não tinha grana, não tinha trabalho suficiente. Porque lá eu estudava a noite, mas quando eu chego lá, eu vou me envolver com uma coisa que acabou sendo praticamente quase toda a minha vida profissional, que é um trabalho com crianças e adolescentes. Eu vou trabalhar como uma espécie de estagiária, em uma organização pública que trabalhava com crianças e adolescentes pobres, e aí essa era uma atividade que você só podia ficar um ano. E aí, ao final de um ano, eu não tinha mais recursos, porque era daquele dinheiro que eu

comprava livros, que eu viajava, então, sem recursos eu não tinha condição. Ele também já tinha muito mais dificuldades financeiras do que tinha agora... Eu não tinha mesmo condição de me manter lá. E aí eu pego a transferência e venho para a UFRJ, onde eu fico até terminar. E nessa época eu começo a estagiar também, e aí vou estagiar na Rocinha. Eu passava um período estudando, outro período estagiando na Rocinha com uma bolsa e os finais de semana na Cidade de Deus. Você já viu como é que foi a minha vida boa.

V.A. – Porque aqui na UFRJ era de manhã o curso.

L.X. – Era de manhã. E aí eu vou para a Cidade de Deus até 1982, depois o grupo vai tomando, realmente, mais essa ação comunitária, e aí eu já conheço os grupos, já tenho um conhecimento das pessoas, das instituições, até que em 1984 eu resolvo entrar para o IPCN. Mas como é que eu entro no IPCN? Outra história engraçada... Que vai ser horrível não lembrar o nome da pessoa, vai ser horrível mesmo... Eu chego no IPCN, e como em todas as organizações, espero que na minha isso não aconteça, você chega e alguém fala: “Oi.” E larga você lá. Até que me aparece um cara, um homem branco que militou no IPCN por muito tempo, e começa a conversar comigo, me apresenta a instituição, me diz o que era aquela instituição, conhecia o Acorda Crioulo de onde eu vim, e aí o Acorda Crioulo, a gente já fazia atividades no Quilombo, a gente fazia atividades no IPCN, a gente fazia atividades na casa das pessoas, então a gente já tem uma grande entrada nas instituições, nas lideranças, na época, quase todas da mesma idade... E aí, eu já tinha ido várias vezes no IPCN, mas nunca para militar no IPCN. E aí essa pessoa disse para mim: “Porque você não se filia ao IPCN?” Eu disse: “É, eu vim conhecer.” Ele falou: “Então, vamos filiar.” E aí, pegou a ficha com o Januário Garcia e fez a ficha. Foi assim que eu entrei no IPCN. Toda vez que eu chegava lá essa pessoa conseguia me ajudar a adentrar a organização.

V.A. – Isso foi quando?

L.X. – 1984.

V.A. – Depois de formada, finalzinho...

L.X. – Não. Ainda não tinha acabado. Acho que foi em 83, eu não me lembro mais. Eu sei que eu entro no IPCN...

A.P. – O Januário era o presidente?

L.X. – Era.

A.P. – Então foi em 1984.

L.X. – É. Provavelmente, porque passou nove anos na presidência... Aí eu já conheço as lideranças feministas negras, Maria Alice... De 1981, até 84, mesmo com o Acorda Crioulo tendendo para a ação comunitária, a gente já se encontra, encontra as outras lideranças nas casas das pessoas, nas instituições... Já participo das primeiras discussões dessa eleição da qual a Maria Alice saiu candidata a chapa no IPCN, na qual perdeu, e na casa da Maria Alice. Então a gente já circula pelas casas das pessoas, pelos grupos, a gente já ia a atividades na escola de samba Quilombo, já estava dentro do universo institucional. Aí entro...

[FINAL DA FITA 1-B]

V.A. – Estávamos lá na sua filiação ao IPCN.

L.X. – Aí me filio ao IPCN... Ah! Orestes. E aí o Orestes me apresenta ao Amauri e o grupo do Amauri, porque o Amauri já era um grupo lá, um grupo de oposição, vindo da construção da SINBA e aí a gente começa a militar dentro do IPCN. E passo a ser oposição, praticamente até romper com o Amauri. Foi quando eu saí do IPCN. E para mim foi onde eu terminei de estruturar... Não foi onde eu fechei melhor a minha identidade racial, mas foi onde eu terminei de estruturar melhor esse meu compromisso com a questão racial.

V.A. – Por quê? Tinha as leituras, estudos, o quê?

L.X. – Basicamente, quase tudo que eu aprendi no Movimento Negro, foi vivendo no Movimento Negro, porque infelizmente, o material era muito pequeno. Apesar do IPCN

sempre ter tido uma biblioteca, muito mal utilizada, mas uma biblioteca razoável, com material... Mas na verdade hoje o que são os nossos intelectuais, já viviam lá, já estavam lá. Então você vivia o tempo inteiro essas discussões. Lá eu pude acompanhar toda a trajetória africana de mudança de governo, de ação política, todo o processo de apoio à luta contra o *apartheid*, tudo lá dentro nessa experiência política.

V.A. – Nos debates no IPCN?

L.X. – Nos debates, nas discussões, nas ações... Então, eu só não digo que o IPCN acaba de me formar em relação a isso, porque foi no Movimento de Mulheres Negras que eu descobri que eu estava perdendo tempo lá. Tempo que eu quero dizer, no sentido de que a gente podia fazer muito mais.

V.A. – Eu acho interessante porque, nessas trajetórias, primeiro que você tem assim um sentido, uma certa missão na vida. Você tem uma missão. As pessoas que são líderes de movimentos, elas acham que elas têm que fazer alguma coisa. Isso eu acho interessante. E você vai procurando a sua identidade, você vai perseguindo ali onde você se centra mais, você se sente mais... Então, eu acho interessante...

L.X. – Até porque, eu sofro do mal da profissão de Serviço Social...

V.A. – Qual é o mal da profissão?

L.X. – Porque a gente acaba... Qual é o grande drama da profissão? É não cair na caridade. E eu venho de uma tradição espírita, que a caridade era a marca. Eu vou fazer uma profissão que, além de ajudar a minha dispersão, o apoio à pessoa é a marca, mais do que a relação com o sistema. Ainda por cima, reconstruindo uma identidade da qual tudo é negado, você imagina minha própria cabeça... Mas no final da tudo certo: Não enlouqueci. Eu penso... [risos] Mas como dizia o meu psicanalista, que era uma pessoa fantástica, ele dizia, um dia me sacaneando, contando a história que, me passa um psiquiatra por uma pessoa e fala assim: “Aí Fulano, passeando com seu bichinho, não é?” Aí ele falou: “Não doutor, você não está

vendo que isso é um pente amarrado em um barbante?” Aí ele: “Ah.” Depois ele vira e fala: “Enganamos ele em Totó.” Então, eu sou desse grupo. [risos]

V.A. – Essa é ótima.

L.X. – É a minha piada favorita.

V.A. – Bom, você estava contando como que o IPCN foi importante, mas ainda não...

L.X. – Não é que eu sentisse falta de alguma coisa. Não era disso que se tratava. Eu acho que meus anos de militância no IPCN me ensinaram muito em relação à questão racial. Foi possível partir da perspectiva da estruturação de uma identidade. Lá eu encontrava gente que tinha sofrido a mesma coisa que eu, que vivia a mesma coisa que eu, e que ao mesmo tempo, encontrava formas de superar essas coisas, não só fisicamente, na aparência, na maneira de vestir, de se apresentar... Eu por exemplo: Depois que eu entro para a faculdade, eu já não uso mais cabelo alisado. Então era difícil, as pessoas me confundiam, achavam que eu era homem, com um peito desse tamanho, as pessoas achavam que eu era homem porque eu usava um cabelo black. Por outro lado, com toda a força que o racismo incide nas pessoas, não ter um lugar que as pessoas te compreendam, que entendam o que você está falando, e que você possa se expressar os seus sentimentos, é muito ruim para você poder se firmar em uma identidade, então o IPCN era fundamental. Você ouvia as situações de racismo, você se apoiava, e ao mesmo tempo, reagia. Então, por isso eu digo que foi estruturante. Hoje eu sinto falta disso para as novas gerações, em relação à estrutura da identidade. Porque hoje os jovens negros estruturam sua identidade na “porrada”, sem nada, sem ninguém para dizer: “Isso mesmo... Foi discriminado, mas a gente está aqui com você... Vamos para a porrada, vamos para a rua...” Hoje você escuta um caso de discriminação, exceto quem está muito próximo, que consegue chegar às organizações, mas não tem mais aquela... Éramos em menor número, mas de qualquer maneira, você sabia: “Aquela pessoa é do Movimento Negro.” Hoje até sabe, mas o impacto é menor. Eu penso. No sentido de poder dar apoio a essa estruturação dessa identidade. Que é muito complicado, você passa a vida inteira imaginando que tem alguma coisa errada com você. Ou porque tu é feia, ou porque tu é pobre... De repente dizem: “Não é nada disso. É porque você é negra.” E aí você reage a isso,

mas não tem ninguém para te apoiar, ninguém para dizer: “Pode sair com o cabelo duro assim mesmo, não vai ter problema nenhum. Pode botar essa roupa colorida, que não vai ter problema nenhum. Eu estou contigo.”

Isso, na minha época, eram as pessoas e as organizações que faziam. Você tinha um suporte. Não que, necessariamente, você ia conseguir resolver seus problemas, não era disso que se tratava, mas você ia conseguir perceber que não era um problema seu. Então eu acho que o IPCN foi importante nisso. Também foi importante para perceber que nós não estávamos sozinhos nessa história, o mundo inteiro vivia esse drama, e havia várias formas de solução desse problema. Na universidade, eu tendo e começo a ter no convívio nessa fase da minha vida, uma formação muito marxista, e também vou encontrar isso no Movimento Negro, principalmente nesse grupo do IPCN, que tinha como ponte os revolucionários africanos, Amílcar Cabral, Patrício Lumumba... Então, essa releitura, e o Amauri, que é uma pena, sob o ponto de vista intelectual, ele fazia esse releitura, ele pegava os escritos e relia a realidade brasileira, e retraduzia as ideias, não que a gente não tivesse acesso às ideias, mas como ele era a liderança da qual nós estávamos em torno, e ele é muito... Eu tenho uma expressão para isso: Aquela pessoa que tira as frases de efeito, como a famosa, há muitos perigos na vida. Então ele pegava aquelas frases desses revolucionários e de repente você estava no maior caos, e ele: “Porque Amílcar Cabral dizia...”

Então, isso ia nos ajudando também a ter essas referências. A gente tinha uma África mítica, e ao mesmo tempo, essa África, também mítica, mas aí, sob o ponto de vista da releitura dos nossos heróis e heroínas. Você imagina: Nesse carnaval desse ano, eu fui para Salvador. Eu e um amigo meu, que também fez parte do IPCN. De repente, nós estamos na sala da casa onde nós ficamos hospedados, eu falei: “Nossa! Estou impressionada com essa foto.” Era um pôster. Aí ele falou: “É. Nunca na minha vida eu imaginei ver um pôster do Samora Machel na casa de ninguém.” Eu falei: “Pois é...” Eu nunca... Foi a maior emoção. Aí ficamos os dois lá, olhando o Samora Machel com uma criancinha no colo, ainda todo fardado... Foi assim, como se reconhecesse um parente. Essa vivência no IPCN foi possível. Então a gente não sabia como o Mandela era, porque era um desenho, mas a gente tinha o entendimento da luta contra o *apartheid*, a gente tinha os contatos, porque o IPCN era um ponto de referência, porque era a única organização que tinha lugar fixo, que não se perdia nas mudanças, nem nas desestruturas dos grupos, e lá você tinha o contato, tinha informação, mesmo que muito precária, você tinha, era um ponto de difusão de irradiação de

formação. Então, nos ajudou a ampliar o leque de entendimento que aquela luta não era só nossa, não era local do nosso bairro, que o mundo inteiro passava por aquilo, ao mesmo tempo, as referências americanas, essas referências trazidas do próprio continente africano, as coisas que aconteciam no continente europeu... Então a gente tinha lá caldo profundo de releitura teórica sobre a maneira de superar o racismo, de enfrentar... Que nação a gente queria, que mundo a gente queria, se mais a esquerda, se mais a direita...

E agora, recentemente, eu estou fazendo um esforço de fechar um texto sobre o Movimento Negro, já devia ter fechado há muito tempo, mas nunca consigo, o quanto era interessante ver as vertentes convivendo claramente no mesmo espaço: A vertente mais marxista, mais à esquerda, mais da revolução, da transformação; aquela mais conciliadora... Não era nem bem conciliadora, eu acredito que não existe conciliação no racismo, mas aquela mais da ascensão social, que a gente tinha que estudar, que melhorar, tinha que se vestir diferente... E também, a cultural, que a cultura é que salvaria, a cultura que deixava a gente junto, então era cultura que daria esse gancho.

Então, para mim, o IPCN foi isso. Ocorre que já no segundo mandato do Januário, a nossa oposição, passou a ser uma oposição ética, uma oposição de que não bastava só ser negro sofrendo racismo, que nós éramos todos irmãos, mas não éramos todos tão irmãos assim. Que o nosso compromisso com a nossa comunidade não podia nos deixar fazer com que aquele espaço, que era um espaço de recuperação da nossa identidade, da nossa força... Fosse também, um espaço permissivo. O que eu chamo de permissivo? Qualquer coisa pode acontecer, porque é meu irmão. É, eu posso ter um irmão bandido e me comprometer a visitá-lo o resto da vida, enquanto ele estiver na cadeia, e cuidar dele. Mas isso não quer dizer que eu seja bandida também. Essa diferença ética começa a se colocar para nós. Não é porque Fulano era nosso irmão, porque era muito legal... Que a gente não ia criticar a maneira com que ele se comportava diante de um processo político e de organização.

No meu caso, isso foi fundamental para romper, e aí em 1990 e poucos, eu rompo como IPCN, primeiro paro de contribuir financeiramente, porque nós contribuíamos financeiramente para a organização, me retiro da discussão, e raramente vou ao IPCN. Aliás, não raramente, porque o IPCN, durante um tempo, adotou a Criola. Nós tivemos um incêndio e nós ficamos sediadas no IPCN durante um tempo. Mas como organização não me interessava mais. Acho que o Movimento de Mulheres Negras, que eu já fazia parte, foi crucial para eu ver que não tinha mais condição. E hoje eu tenho certeza disso. Somos todos

negros, temos que denunciar o racismo sim, mesmo em situações em que a pessoa esteja errada, há racismo, a gente tem que denunciar. Mas se ela está errada, a responsabilidade dela precisa ser levada em consideração. A gente não pode dizer: “Ah, porque todo mundo é negro, então vamos desculpar...” Para mim, isso foi crucial para romper com essa fase.

V.A. – Exatamente o que houve?

L.X. – No último mandato do Januário, havia uma divergência sobre as contas. E essa divergência sobre as contas nos levaria à uma posição que era a auditoria nas contas do IPCN. E a pessoa que era a nossa liderança no momento era o Amauri, Amauri e o Yedo. E eles não concordaram que a gente levasse essa discussão até o final, porque era irmão brigando com irmão, irmãos agindo contra irmãos. E eu acho que é por isso que hoje o IPCN está fechado, por exemplo. Literalmente fechado. Fechado como um espaço de importância que teve. Eu não acredito que uma organização que atravessa o pior período da história do Brasil na modernidade, passe o mais importante período da luta racial fechado. Eu acho que foi o acúmulo desse tipo de conduta que permitiu que acontecesse isso no IPCN.

Para mim tem diferença. A auditoria poderia ter dado positivo ou negativo, mas era importante fazer essa auditoria. Essa auditoria tiraria, primeiro os equívocos políticos, porque se houve equívocos políticos seriam facilmente corrigidos, se houve erros econômicos, eles também seriam facilmente corrigidos, ou definidos e denunciados, mas, sobretudo, nós sairíamos da fase em que tudo era possível, permitido, para uma fase mais, eu diria, mais consequente do ponto de vista ético. Porque a luta contra o racismo nos obriga a isso. Eu tenho quase certeza. Não adianta dizer que eu sou contra o racismo e permitir determinadas ações. No meu caso foi fundamental.

V.A. – Aí você disse que já tinha relação com o Movimento de Mulheres Negras.

L.X. – Sim.

V.A. – Que tipo de relação que você tinha?

L.X. – Eu conheço o Movimento de Mulheres Negras já dentro do IPCN. Mas esse nosso grupo, a tendência maior em relação ao Movimento de Mulheres Negras era: “Não ao Movimento.” Porque se dizia que o Movimento de Mulheres Negras racharia o Movimento Negro. Mas a discussão sobre a questão da mulher já era profunda entre nós mesmos, tanto no IPCN como um todo, quanto nesse próprio grupo, que era um grupo relativamente grande. Aqui já se discutia a necessidade de empoderar as mulheres, permitir que as mulheres tivessem um papel fundamental e importante dentro dessa estrutura. Por exemplo: O IPCN sempre teve figuras fantásticas, você convivia com a Lélia o tempo inteiro, nas discussões políticas, nos encaminhamentos... Mas era basicamente dirigido por homens. Pode ser uma estratégia nagô, sei lá... Mas não tinha motivo. Ao contrário. Se você tinha uma Lélia, porque você ia ter um Januário. Não que os dois... Eles eram diferentes. Mas ter uma Lélia à frente de uma organização como aquela, era muito diferente de ter um Januário. E expressava, para mim hoje, um outro tipo de conduta e direção, muito mais importante do que o que a gente viveu naquela época. Pode ser que hoje seja fácil fazer essa análise, mas a gente já sabia que não era possível que a direção sempre estivesse só nas mãos dos homens. Na verdade, quem conduzia a ação eram as mulheres. Eram elas que estavam lá o tempo inteiro para carregar a bandeira, para fazer o panfleto... Para organizar os encontros, porque, no caso do Rio, a gente ainda tinha os encontros estaduais, os encontros de Sul-Sudeste, depois o encontro nacional... Mas tinha toda essa movimentação interna que fazia do Movimento essa... Mostrava que o Movimento não conseguia incorporar a discussão de gênero.

Eu já tinha a discussão de gênero por outros motivos, mas nunca tão ligada às duas questões: gênero e raça. Apesar das duas discussões aqui estarem muito fortes, o que prevalecia era uma direção marxista, eu também vinha dessa formação, de que a gente... Bom, não superaria o problema do capitalismo só com a questão do trabalho, tinha que ter a questão de raça, mas a de gênero a gente não conseguia ver por onde passava. Tendo mulheres na direção já era suficiente.

Mas aí o Movimento de Mulheres vai crescendo, vai se estruturando, vai se organizando, e vai mostrando que não: Não tinha outro jeito. A gente pensava diferente mesmo. A questão racial era, em si, estruturante desse processo, mas não tinha como esperar passar o problema... Era igual a repetir a questão do trabalho: Espera passar o problema de classe para depois resolver o problema de raça. Espera passar o problema de raça para depois resolver o de gênero. Não tinha como.

As coisas estavam tão consolidadas, apesar da gente entender a contradição principal, mesmo assim, não tinha como a gente fazer as coisas separadas. E aí, eu vou me aproximando do Movimento de Mulheres, mas ainda no IPCN, até que em 1992 eu sou convidada a participar de uma organização de mulheres. Eu já frequento os encontros, eu já...

V.A. – Quem é que estava, além de Lélia que você já mencionou, quem é que nesse momento era o Movimento de Mulheres?

L.X. – O Movimento de Mulheres, que na verdade era... Várias mulheres, participando de várias ações. Era Lélia, era Pedrina, era Suzete, eram muitas mulheres... Era Maria Alice. Maria Alice é uma das primeiras a dizer que a questão das mulheres não podia ser tratada daquela forma... Eram muitas mulheres, eu lembro das caras, mas dos nomes... Senão vou cometer um monte de injustiças... A Valéria...

V.A. – A ideia era mais recuperar essa história, quem são essas pessoas... mas eu acho que... claro, sempre vai ter lacuna.

L.X. – Estou tentando... Valéria... Iracema... Eram muitas. Algumas, se eu ver, já te digo: “Essa aqui também, aquela ali também...” Mas os nomes eu não consigo lembrar todos. E fora as outras, que não vieram do Movimento Negro, mas que já traziam a questão das mulheres negras, a Jurema Werneck, a própria Neuza das Dores, a Geni e a Gésia, a Josina, a Malu, se bem que a Malu frequentou o Movimento Negro, Zezé... Inclusive, a Zezé era especialmente importante porque ela trazia a discussão da Educação, assim com uma força, estruturando uma ação educativa contra o racismo, então Zezé era uma das figuras chave... São muitas. Eu realmente não consigo lembrar o nome de todas. A Lélia, porque ela era sócia do IPCN, ela estava em todas as ações, em todas as assembleias, principalmente nas mais complicadas, então, a gente lembra bem. Mas Maria Alice, que passou muito tempo no IPCN, a Pedrina... A Pedrina, então, era fantástica, porque ela usava a cabeça raspada, andava de preto e vermelho na sexta-feira, então, ela era uma figura, ela era de Exu, se eu não me engano, mas se não era, ela tinha um postura muito altiva, e era uma figura de uma inteligência... São muitas. Realmente eu não consigo, infelizmente, lembrar todas.

V.A. – Tudo bem. Você estava se dirigindo para a fundação da Criola, não é?

L.X. – Em 1992, um grupo de mulheres que fazia parte do programa de mulheres do CEAP, já começa a sair dessa organização e a pensar na fundação de uma organização para mulheres negras.

V.A. – Você mesmo, não fez parte do CEAP, desse grupo?

L.X. – Não. Só do IPCN. E aí, é lógico que a minha trajetória com o CEAP começa a se misturar porque eles são oriundos da ASSEAF, que era uma Associação de Ex-alunos da FUNABEM. Eu nunca fiz parte da ASSEAF, mas a ASSEAF sempre fez parte do Movimento pelos Direitos da Criança, da qual eu fazia parte, porque desde 1980, até 1997, eu trabalhei com crianças e adolescentes, então, essa questão vinha muito junta. Então o CEAP é a primeira organização que trata da questão racial com esse outro tipo de posição, pelo menos no Rio de Janeiro, em relação à ação social misturada com a ação política. Porque o IPCN já tem essa tendência na primeira e na segunda gestão do Januário, aliás, na primeira, na segunda e na terceira, se eu não me engano, foram muitos anos, nove anos, e já começa a desenvolver projetos locais. E já na gestão do Januário, minha perspectiva com os jovens, com as crianças e adolescentes que eu trabalhava na rua, era já envolvê-los com o Movimento Negro, porque não tinha outro lugar para poder dar suporte para a identidade. Então não adiantava falar só de racismo se não tivesse suporte. Então o IPCN abrigava um grupo de capoeira angola e os nossos meninos participavam desse grupo, que era o Lumumba, na época, que era o mestre. E o IPCN tinha lá um curso de cozinha Afro-Brasileira com a LBA, se eu não me engano, e o nosso grupo também já participava. As atividades que o IPCN fazia o nosso grupo já ia, isso já tinha sido tratado com o Januário desde essa época. Quando eu comecei a trabalhar na rua, a nossa estratégia era envolver os jovens nos movimentos sociais, para que eles pudessem ter suporte, e na medida que fossem tomando consciência da situação, fossem tendo possibilidade de enfrentar a questão através do Movimento. Então o IPCN me ajudou muito nisso, porque eu achava que era uma estratégia louca, e deu certo. Não saiu de lá nenhuma liderança, mas os meninos tiveram a possibilidade de reforçar a sua identidade através daquela questão.

E quando a gente radicaliza na rua para tratar menina separada de menino, no sentido de poder reforçar a identidade de gênero, a gente faz isso com o Movimento de Mulheres

Negras, e aí deu mais certo ainda. Aquelas meninas participaram de quase tudo feito no encontro das mulheres, a partir dessa estratégia. E aí, minha ação com o CEAP, meu encontro com o CEAP, vai aí, porque aquele grupo dissidente da ASSEAF, que também já discutia a questão racial, juntava o drama da infância e da adolescência abandonada, pobre, com a questão racial, e esse grupo passa para o CEAP, e o CEAP dá seguimento aí, a gente entende o CEAP como organização negra, e aí, lá tinha um grupo de mulheres. Esse grupo era um grupo que já construía o Movimento de Mulheres Negras. Para além disso, você vai encontrar nesse grupo, e de associações comunitárias, daí o pessoal do Andaraí, dos outros bairros que faziam parte das associações comunitárias, principalmente as mulheres, em um movimento forte de favelas, que se encontra no Movimento de Mulheres Negras. Daí a Sandra Belo... A Sandra Belo também já era militante do Movimento Negro há muito tempo, mas tem uma forte inserção nessa coisa de Movimento de Favela e Periferia, e aí a Sandra, a Jurema, a própria Benedita, esse grupo vai ajudar a estruturar melhor, ou é uma tendência no Movimento de Mulheres, e o Movimento então faz seu primeiro encontro, e se funda como Movimento.

V.A. – Primeiro Encontro de Movimento de Mulheres?

L.X. – 1988. Já no período dos 100 anos de abolição, onde também já começa a construção da grande Marcha e tudo mais...

V.A. – Então esse primeiro Encontro Estadual de Mulheres em novembro de 1988. A gente até tem aqui. E aí esse, digamos assim, é o embrião dessa reunião que vocês vão fazer depois para o Criola em 1992?

L.X. – Não. Elas já estão com a ideia de uma organização, mas o Rio já tinha uma série de organizações, e tinha uma a Nzinga, que também já estava acabando. Mas também tinha jornal... Nzinga também era uma expressão política muito grande. Mulheres que vinham do Movimento Negro, como Helena... Já dão esse suporte para a construção de organizações de mulheres negras.

A Criola nasce dessa possibilidade de juntar essas mulheres com essas experiências todas, em um outro tipo de ação política. Aí não mais presa a uma organização mista, mas

uma organização única para mulheres, dirigida por mulheres, fundada por elas, voltada para a construção de um espaço para discutir esse feminino negro. E ao mesmo tempo, pensar formas alternativas de superação das questões.

Então, nasce basicamente para instrumentalizar a mulher para enfrentar o drama do racismo. O drama do Racismo, do sexismo e da homofobia, que era um outro novo detalhe, porque nessa convivência com o Movimento Negro, ser homossexual, ou viver a homossexualidade, não era nem discutido. Eu nem me lembrava que alguém falasse isso. Você sabia que tinham homossexuais, mas essa discussão não se juntava. Exceto quando se fazia aquela célebre piada, de que já é negro e ainda por cima homossexual, para não dizer que era negro e ainda por cima veado. A gente ficava todo mundo chateado com a história, mas a discussão sobre a homossexualidade nunca entrou. Essa discussão, para mim, ela não era uma discussão nova, porque a minha mãe já tinha as histórias da Lapa, da vida do submundo e do Candomblé, mas a experiência da luta contra a homofobia, eu vou viver no Movimento de Mulheres Negras.

E Criola nasce já com essa marca. Não só porque havia mulheres lésbicas, mas porque elas acreditavam que não tinha separação, não tinha como. Aquele mesmo amálgama que acabava ajudando... É uma ideia esdrúxula, mas é como se o racismo fosse estruturado. O racismo fosse o ferro e o resto fosse concreto. Você olha para o concreto, você diz: “Aquilo que dá suporte à pilastra.” Mas na verdade é aquela pilastra de ferro que está lá dentro. Então para mim o racismo é isso: É o ferro que dá suporte à pilastra. Como você olha de fora, você vê só concreto, você não vê o racismo mesmo. E no caso de juntar essas coisas, para mostrar que aquele ferro vive sozinho, mas ele com cimento piora, é difícil de quebrar. Então, o racismo junto com homofobia e com o sexismo é uma arma poderosíssima.

[FINAL DA FITA 2-A]

L.X. – Eu acho que Criola acaba ajudando a mostrar isso: Que não tem como. Senão eu fico batendo no cimento, batendo no cimento, pensando que o cimento é só o racismo. Mas na verdade não é. Cimento é tudo o mais daquele ingrediente que vai compor essa estrutura que é o racismo. E o Movimento de Mulheres Negras... Qual é a vantagem que ele tinha em relação ao Movimento Negro? É que ele incorpora as dimensões do cotidiano. Então, lá tem os problemas da escola, da criança, da mulher, do parto, da Saúde, da Habitação... se o

Movimento Negro dizia: “A favela...” Queria, inclusive, ressaltar a favela como uma reminiscência quilombola, para a mulher negra a favela é um drama. Não um drama porque é favela, mas é porque lá está composta a pobreza, a falta de água, a falta de luz, de higiene, mulheres sustentando uma família... Então precisa de uma habitabilidade.

Toda esse drama do cotidiano, o Movimento de Mulheres trás com muita força. E trás, exatamente, pensando nessa dimensão do meu exemplo esdrúxulo, pensando que é só amálgama para uma estrutura pesada como o racismo. Então não tinha como separar as coisas. Hoje quem luta contra o racismo tem que lutar por uma boa Educação, tem que lutar por uma Saúde digna, tem que lutar pelos Direitos Humanos... não tem como. Só aumentou o nosso trabalho. Mas eu acho que isso, depois também... O que o Movimento Negro não conseguiu fazer, não que também tenha sido sua tarefa, e cabe ressaltar que eu sou da opinião de que, se a sociedade brasileira nos deve, deve muito, mas isso, com profundidade: Ninguém da esquerda nunca deu apoio ao Movimento Negro. Nunca. Não teve ninguém da esquerda que dissesse: “Esse é um movimento que nós devemos apoiar.” Hoje em dia quando alguém fala assim: “Porque o MST é a maior força política do país.” Eu falo: “Não. Não é não. A maior força política desse país ainda continua sendo o Movimento Negro e de Mulheres Negras.”

Lutou adversamente em vários séculos. Nunca teve apoio da intelectualidade brasileira no sentido de ajudar a estruturar teoricamente a luta contra o racismo, foram muito poucos, alguns ainda pediram para rasgar o que escreveram. Não teve dinheiro de ninguém, nem da Igreja, nem do Estado, o pouco recurso que tem, nós trabalhamos para poder arrancar. Nunca teve manifestação contrária ao racismo de ninguém. Eu nunca vi nenhum arcebispo, nenhum bispo, nenhum intelectual de esquerda, exceto Florestan Fernandes, e o próprio Fernando Henrique Cardoso, dizer: “Eu sou contra o racismo. E minha vida vai ser dedicada à luta contra o racismo.” Eu nunca vi. Então, todo o mérito da ação contra o racismo é do Movimento Negro, não é de mais ninguém. Eu, por exemplo, não tenho a menor vergonha de dizer que essa sociedade deve muito a gente, mas isso, a esquerda deve muito. Porque nunca vi. Nunca vi! E ainda tem o cinismo de fingir que não existe. Apesar de dizer: “Temos que enfrentar o racismo...” Mas é de impressionar...

Acredito que o Movimento Negro, em uma das questões que... Desculpe a minha prolixidade... Eu acho que acabou não percebendo, é que, na verdade, toda a história da comunidade afro-brasileira passa por um eixo, que tem a ver com as mulheres negras. E eu

acho que deixou de utilizar esse eixo como fundamental para engrossar e sedimentar melhor a sua ação política. Porque se já tivesse colocado esse eixo na frente, já teria engrossado muito mais essa luta. Não só via religiosidade... Porque são as mulheres negras que seguram a onda mesmo, não tem nenhuma liderança negra, nenhuma delas, que não possa dizer que sua mãe, sua esposa foi o arrimo para que ele pudesse militar, agir... Foi a base para segurar essa onda toda. E não tem uma família negra que possa dizer que foi só seu pai que deu o sustento, até tem umas, mas não é a maioria.

Então eu acho que se o Movimento Negro tivesse conseguido trazer essa estratégia que as mulheres negras construíram ao longo de sua existência para manter essa comunidade em pé, nossa... A gente tinha ido há muito tempo... Por isso eu acho que, hoje, nós somos o fenômeno político, desde 2000, nós somos o fenômeno. Nós somos quem conseguimos estruturar estratégias melhores para as bandeiras que o Movimento carregou sempre.

O Movimento disse: “O racismo não é problema dos negros é da sociedade brasileira.” E nós não só provamos isso, como dissemos: “Se vocês não disserem que o racismo é problema de vocês e vocês tem que resolver, nós não vamos fazer nada. Vamos ficar esperando.” Abrimos o diálogo com a sociedade, dissemos: “Vocês tem que discutir isso. Isso é ponto fundamental.” Reafirmamos os princípios dessas bandeiras na Conferência Mundial contra o Racismo. Fomos lideranças principais nas negociações, na ação política, na defesa dos nossos interesses como comunidade, e eu acho que isso tem a ver com esse acúmulo histórico, e também com um certo refluxo do Movimento Negro. As lideranças negras masculinas, não diria que estão muito cansadas, mas estão muito lentas para a reação política. E eu acho que mulher negra tem esse problema: Quando alguém não faz, ela faz. Então saímos para fazer essa segunda etapa do trabalho que a gente esperava, agora, estar com um conjunto de forças maiores, porque como dizia minha mãe... minha mãe tinha uma história muito engraçada, que ela dizia nessa vivência dela, que ela tinha um parente, não sei quem era, se era mãe dela, se era avó... Que alguém xingava, por exemplo: Você passava na porta de casa, via uma criança da família e brigava: “Você está fazendo o quê aí na rua...” Botava a criança para dentro. Mas você não era daquela família, então a criança chegava em casa chorando e a mãe vinha ver o que era. Aí via e te xingava: “Não sei o quê. Não tem que se meter com a minha família...” Aí quando o caldo engrossava, vinha o homem para resolver o problema. Ou para bater em alguém, ou para apaziguar a situação.

Nós esperávamos nessa fase fazer isso: Xingar, reclamar, aí vir o resto para dizer: “Não. Aqui vocês não vão passar.” Faltou isso. Se isso tivesse acontecido, a gente teria avançado muito mais do que a gente avançou. Acho também que... Eu posso falar isso porque eu estou falando dos meus. Mas de qualquer maneira é só uma exigência do momento. Mas que não posso negar que é mérito do Movimento Negro e de Mulheres Negras. De mais ninguém nessa sociedade, ninguém contribuiu para mudar o racismo nesse país como nós. E isso só nos obrigou a ter mais trabalho, porque além da gente reforçar nossa estrutura psíquica, emocional, física, econômica, política, tivemos que educar a sociedade. Estamos educando a sociedade, tivemos que denunciá-la, correr atrás do prejuízo, dizer: “Isso é crime. Isso é problema seu. Vocês têm que reagir.” Fizemos muito. Agora o que a gente quer é usufruir do resto que a gente já construiu. Ainda está difícil.

Falei “para caramba” agora.

V.A. – A Criola se estruturou como? Porque no seu currículo, que você mandou para a gente, diz que você foi eleita uma das diretoras executivas. Como é que é a estrutura da Criola?

L.X. – Ela, inicialmente, tem um grupo de sócias. Esse grupo de sócias elege um conselho. Esse conselho tira duas diretoras executivas. Na verdade, elas são duas diretoras executivas oficialmente, mas a decisão é coletiva. Agora, mais coletiva ainda, porque agora se juntam as sócias e a equipe. Então, se a equipe tiver 20 pessoas trabalhando, ou 10 pessoas trabalhando – depois eu explico porque isso –, essa equipe junto toma a decisão de como vai ser o rumo da organização. Geralmente de três em três anos a gente faz um grande seminário, que é o nosso planejamento estratégico, e a gente tira a ação que deve ser desenvolvida durante esse período. E aí participa da, não vou dizer da pessoa da faxina, porque a gente não tem faxineira, mas da pessoa da administração até a sócia mais antiga. Todas tomam a decisão em conjunto.

V.A. – Quantas sócias tem a Criola?

L.X. – Agora somos poucas. Inicialmente éramos dez, morreram duas já, saíram... Deixa-me contar quem está... Somos sete sócias agora. Mas iniciamos com dez, e entraram nesse período três. Então somos sete agora.

V.A. – Eu vi, na pesquisa que eu fiz, que são seis linhas de ação, que são: Oficinas, cursos e treinamentos... Continua isso?

L.X. – Não. Essa de Oficinas, cursos e treinamento, nós mudamos. Nós atuamos com Saúde da mulher negra, Direitos Humanos, geração de emprego e renda, difusão de informação, articulação, e tiramos essa linha de Oficinas, cursos e treinamentos, porque todo o trabalho de Criola está baseado nessa ação de oficinas.

V.A. – Então agora explica, como é o trabalho?

L.X. – Nós atuamos em duas estratégias: Na ação política e na ação junto às mulheres. O reforço e instrumentalização das mulheres e a ação para a mudança das políticas públicas, da questão legislativa, no que for... E esse trabalho com as mulheres está baseado nas oficinas que é, para nós, o método, e que compõe o que a gente chama de uma pedagogia. A pedagogia é a pedagogia feminista e anti-racista. Nós juntamos a experiência do feminismo e a experiência da luta contra o racismo e montamos uma maneira de trabalhar. Então, todo o nosso trabalho nas oficinas passa por gênero e raça, e agregamos gênero e raça pensando no aumento da estima, da instrumentalização da mulher, e agregamos temas que a gente acha importante, Saúde, Direito, Trabalho, o que for... Mas reforça a identidade e, ao mesmo tempo, empodera para a ação política.

Na verdade, boa parte das pessoas que passam por aqui, vão se tornar nossa equipe. E essa é a distinção como organização. Essa equipe sai do nada. Ela pode ser desde um pessoa com doutorado, como uma pessoa semi-analfabeta, não importa essa condição. Na medida em que ela adere à ação contra o racismo e o sexismo, e quer atuar conosco, ela passa a essa ação política. Ela pode morar na favela, como na Zona Sul, não importa. A partir daqui ela se torna membro da nossa equipe, não sócia, mas membro da equipe, uma colaboradora.

V.A. – Quantos membros têm atualmente?

L.X. – Agora tem 26, juntando todo mundo.

V.A. – Todas mulheres?

L.X. – Todas mulheres. E isso também ocorre com mulheres brancas. Nós não temos mulheres brancas na nossa sociedade, mas temos mulheres brancas nessa equipe. Ou elas vêm voluntariamente atuar conosco, nos ajudar a pensar questões, desenvolver ações, oferecer apoio, subsídios, ou vem contratada para desenvolver algum trabalho específico. Ano passado a gente só trabalhava com mulheres negras, mas esse mercado é muito limitado. Nós temos poucas mulheres negras trabalhando em quase todas as áreas. Então, se a gente precisa de alguém com muita especialidade, a gente fica com a mão presa. Então agente considera que é fundamental que essa pessoa tenha duas questões importantes, que ela seja uma pessoa antirracista e antissexista, e que ela entenda que na medida que ela está atuando conosco, ela está incorporando essas dimensões na sua vida. E se isso é possível, ela trabalha conosco.

V.A. – Essas oficinas, como é que elas funcionam? Vocês vão nos locais? Como é que vocês escolhem os locais?

L.X. – Nós somos convidadas ou nós mesmos desenvolvemos. Se a pessoa nos convida, a gente vai em qualquer lugar. Em qualquer lugar mesmo. Ou então, nós desenvolvemos a partir dos projetos que a gente trabalha. Essas oficinas funcionam com uma regra de convivência, a gente passa por, no mínimo, quatro encontros, tudo que é conversado lá fica lá no grupo, alguma coisa a gente relata, como a maneira que funcionou o grupo. Mas o sentimento das pessoas, aquilo que elas contam, fica lá. Nós oferecemos através das dinâmicas, das brincadeiras, dos jogos, a possibilidade de elas refletirem sobre o tema, a condição, e ao mesmo tempo, encontrarem formas para a ação em relação a esse tema. Em alguns casos essas oficinas são formativas, então elas às vezes, acompanham textos teóricos, discussão política. Então por exemplo: Formamos um grupo de agentes de cidadania na Maré, então elas passavam por todas as dinâmicas incluindo textos de sobre a questão da violência contra a mulher, porque a perspectiva era formar gente que fosse atender mulheres. Mas quando o grupo é só um grupo para refletir sobre um tema, a gente só trabalha com oficina. E aí a gente planeja as dinâmicas, aplica as dinâmicas e vai integrando o grupo para sensibilizar para o tema. É mais ou menos assim.

V.A. – Tem o projeto Criolinha... O que é?

L.X. – A Criola, desde o início, sempre teve a ideia, entendendo que o racismo é uma violência, atuar no combate a violência contra a mulher. E aí, nós passamos dois tempos pensando o seguinte, inclusive, um dos motivos pelos quais eu entrei na Criola, minha experiência era toda voltada com criança e adolescentes, e a gente já começou a entender que dá para trabalhar com a mulher adulta, sem considerar que essa menina, essa mulher está sendo formada, desde que nasce, para enfrentar, para viver as funções na sociedade a partir de um estereótipo, da construção de uma ideia do que é ser mulher. Então a gente iniciou um trabalho que se chamava eu sou neguinha. A gente juntava uma vez por ano meninas de tudo quanto era lugar, faixa etária, origem, de escola pública, de internato, filhas de militantes, e a gente oferecia em um dia só, várias oficinas para o reforço de identidade. Era um drama, porque o ano seguinte, já no início do ano as mães das meninas já começavam a procurar o dia que ia acontecer essa oficina. Depois a gente viu que não era suficiente só isso, porque as mães também precisavam ter suporte para superar as dificuldades que encontravam nas relações da escola, na relação do bairro com a vizinha... E com as próprias crianças. Então a gente pensou em uma atividade chamada Mãe é um saco, que era...

V.A. – Mãe é um saco?

L.X. – É. Porque toda vez que você falava, as meninas: “Ah... Minha mãe é um saco!”[risos] E aí, a gente pensou em alguma coisa que pudesse ajudar a enfrentar esse drama. Porque ela só conta com a mãe e a mãe é um saco, como é que vai fazer? A gente nunca conseguiu montar essa atividade... Impressionante. Mas, dentro dessa lógica, nós pensamos que essa dimensão de violência precisava ser tratada também desde o início, não só porque a gente vinha de uma experiência na rua, mas porque essa dimensão estava presente na vida dessas meninas em todo lugar. Aí montamos um trabalho chamado SOS criolinha. No que consistiu o SOS criolinha? Em oito oficinas nas favelas, com meninas, de várias idades, para discutir a violência. Então nós chegávamos lá e tratávamos da questão de gênero e raça, elas diziam, tudo na oficina, integrava o grupo, geralmente esse grupo tinha um apoio, já tinha um grupo que dava sustentabilidade. Por exemplo: No Santa Marta tinha o Bento Rubião. O Bento

Rubião, por exemplo, nós fizemos duas oficinas com eles, fizemos Santa Marta e Vila Aliança. Fizemos no Jacarezinho junto à Escola de Samba, fizemos na rua, em um projeto em que eu mesma já atuava com outro grupo. Então a gente oferecia esse conjunto de oficinas, elas consistiam, por exemplo, na discussão da violência, elas mapeavam onde é que é a situação de violência na comunidade onde elas vivem. Para onde está a violência, e como é que ela se manifesta? A gente discutia as possibilidades dos Direitos, se aquilo era possível ou não acontecer, então por exemplo: No Santa Marta, a estória mais interessante era que a violência estava espalhada na favela, tinham os lugares do mito, onde a violência era mais forte etc. e tinha os lugares do concreto, onde a violência acontecia mesmo. Na entrada da favela... Mas tinha o problema da institucionalidade. Quando elas saíam de lá, elas também encontravam uma violência forte de discriminação, de racismo no supermercado, na rua, na praia etc. Aqui elas estavam por conta delas, então era o Estado, a sociedade contra, e aqui era o Estado contra a comunidade. Então mesmo que elas sofressem violência aqui, essa presença do Estado era sempre muito mais violenta do que o que vivia aqui. Então era assim: O tiro era uma coisa horrível. A presença do bandido era uma coisa horrível, mas quando a polícia chegava era pior. Agora, aqui todas eram iguais, aqui não. Então quando saía a situação piorava tanto que elas retornavam ao lugar como o lugar do conforto. Então a gente viu que não podia continuar discutindo violência, porque isso era uma roda, você começava aqui, quando via estava aqui de novo. Não tinha saída, porque a saída seria a institucionalidade, a ação do Estado. Mas o Estado era mais violento. Aonde se apresentava a violência era o lugar do conforto. Como vencer esse drama?

Aí depois que nós passamos por esses quatro grupos, nós escolhemos um grupo para experimentar fazer uma coisa diferente, que foi no Jacarezinho, e a gente chamou de núcleos de solidariedade. Começamos a fazer esse núcleo e ele não deu certo, ele precisava de muitos recursos, em que a gente ia utilizar as práticas de solidariedade existentes na favela, para o desenvolvimento de uma ação contra a violência. O que era isso? Tem vizinha que leva o filho da outra para a escola, tem jovem que fica responsável pelo velho de não sei quem, que trás a compra de não sei quem do supermercado, que faz a festa de aniversário do Fulano... Na verdade o que a gente queria era juntar esses jovens em uma espécie de estação “entre aspas” que tivesse computador, impressora... Que elas pudessem fazer boletins que divulgassem as coisas da comunidade fora da comunidade também, mas também dali gerasse produtos. Por exemplo: Você quer seu convite de casamento, você podia fazer ali, ou da festa

do seu filho. Você não tem babá para deixar seu filho quando você sai para trabalhar, e não tem creche, então se veria ali jovens que poderiam tomar conta do seu filho, e efetivamente você pagar esse serviço, porque você ia pagar de qualquer jeito, na favela você vai pagar, cinco reais, mas você paga.

A ideia era gerar ações solidárias que, ao mesmo tempo, oferecesse possibilidades para esses jovens terem recursos e por outro lado, que eles pudessem desenvolver o que eles quisessem, desde rádio comunitária, grupo de teatro... A partir daquele movimento. Qual era a ideia? A ideia era que isso ia ajudá-los a ter uma identidade mais forte quando saíssem daqui. Porque quando eles saem daqui o “bicho pega”. Quando eles saem daqui acaba tudo, não tem **[incompreensível]** nada. Mesmo uma jovem que se achava uma pessoa desceite honesta, ela é aqui tratada igualzinho se ela fosse uma ladra. O problema não é que ela é tratada como uma ladra, o problema é que eles estão tratando as negras da mesma forma. Então não era por causa da qualidade, que era o que elas imaginavam, da qualidade do comportamento. Elas achavam que essa diferença tinha a ver com a qualidade do comportamento, mas não era, era por causa da condição racial. Então não importa se ela é estudiosa, valorosa, se cuida da casa, se toma banho... Porque quando sai aqui vira negra pobre e favelada. Então para poder melhorar esse entendimento elas precisavam ter um reforço aqui mais positivo, porque o outro reforço não era positivo. Se você não pode ser uma sujeita de bem, tem que ser o quê? Bandido? Para poder ter respeito, para poder ter pé de igualdade para enfrentar o Estado com o mínimo de condição... Então a gente iniciou esse trabalho. Ele não foi muito longe porque precisava de uma estrutura mais pesada, até porque, não tem como. Vai fazer o jornalzinho com o quê? Na mão? Na cartolina? Mas o primeiro ensaio foi muito legal, foi bem positivo. Porque elas já saíam, elas contavam os relatos no Norte Shopping, que elas já saíam e chegavam lá e diziam: “Não me siga, você está me constrangendo. É meu direito andar livremente pelo shopping. Se você continuar eu vou ser obrigada a fazer uma queixa contra você.” Não ia dar muita coisa, você sabe que não, mas era a firmeza do sentimento que aquela pessoa estava tendo em relação a ela mesma. Ela sabia que ela não era... Ela não podia viver naquela situação fora do lugar, ela tinha que ter o respeito. Isso ajudou a pensar que essa ideia poderia dar muito certo.

V.A. – Você estava falando de financiamento. Que essa ideia não foi adiante porque precisava de uma estrutura de financiamento maior. Como que é essa parte? Eu também

percebi, que em um site dizia que vocês teriam o seu primeiro financiamento de uma fundação alemã... Foi isso?

L.X. – Sim.

V.A. - Como é que conseguiram esse financiamento? Porque essa é outra luta...

L.X. – O nosso primeiro financiamento inicial foi um grupo de mulheres brasileiras que vivia nos Estados Unidos, que conheceram nesses encontros feministas uma das nossas integrantes. E sabendo que a gente estava montando a organização, fizeram uma festa e mandaram o recurso para agente se registrar como organização. Nos encontros feministas, que é uma outra questão das nossas aliadas nesse processo, nos encontros feministas e mesmo nas visitas de organizações a organizações brasileiras, essas mulheres começaram, não só contando a situação das mulheres negras, mas também dizendo quais eram as ações que a gente achava que devia desenvolver. E em um desses encontros nós conhecemos uma mulher negra alemã. Não, desculpe. Ela é de um país do Oriente e morava na Alemanha. Essa mulher conheceu as meninas da Criola, conversou com elas, e aí, se propôs a ajudar a abrir o canal de negociação. Depois disso vieram outras mulheres, inclusive, uma delas negra brasileira que morava na Alemanha e que nos ajudou a fazer a estruturação para que a gente pudesse concorrer a um recurso nessa organização, que era uma organização de mulheres do Partido Verde alemão, chamada, na época, [FAZ]¹. Essa fundação ofereceu todos os recursos para a nossa estruturação, estruturação física. Desde comprar a cadeira até o computador, e nos ajudou nas primeiras atividades que nós desenvolvemos.

V.A. – E a sede também?

L.X. – A sede também. Depois [inaudível] acabou e o Partido Verde alemão fundou uma única organização, chamada Fundação Hienrich Böll e já no nosso segundo ou terceiro financiamento com eles, já desde o primeiro, a gente já pediu uma sede, porque esse é o drama da mulher negra, e o drama da organização negra, não ter onde morar. E aí a gente foi discutindo, da importância de uma sede, até que em 1998 eles conseguiram um recurso, e nós

¹ O mais próximo do que se pôde ouvir.

ficamos do final de 98 até início de 1999, até quase final de 99, buscando um lugar. Aí conseguimos a nossa sala atual.

V.A. – Uma sala?

L.X. – Uma sala com duas saletinhas, um banheiro e uma cozinha. Porque inicialmente, o nosso propósito era montar uma casa da mulher negra. Essa casa, ela servia de ação política, servia de encontro, você vinha lá do Norte e ficaria hospedada lá, tanto que tinha tudo: Panela, fogão, geladeira, tudo que você possa imaginar em uma casa, tinha nessa casa. A sala que a gente tinha era desse tamanhinho, conseguimos uma sala maior, um salão enorme, era bem grande, e lá, além de estruturar as atividades, a gente podia fazer encontros, por exemplo, ter lugar para hospedar as pessoas... Não era o paraíso, mas dava para botar o colchonete, aquela coisa de movimento. E depois a gente foi afinando essa ideia até chegar a estrutura que nós temos hoje. De uma organização que não tem mais essa perspectiva da casa da mulher negra, nesse sentido, que era muito parecida com a casa de santo, que tinha uma estrutura mais de casa mesmo. E começamos, as demais, na lógica da ação do empoderamento das mulheres para a ação política. É lógico, reforçar o Movimento de Mulheres.

Mas em 2000, a gente dá um passo mais ousado, porque o Movimento precisa de uma estrutura de um tempo muito maior para tomadas de decisões políticas. E a gente viu que se a gente continuasse assim, ia passar o processo da Conferência, que era um processo importante para nós, e a gente não ia conseguir dar conta. E aí em 2000 a gente senta começa a desenhar uma perspectiva de ação política com as organizações já estruturadas de Mulheres Negras. Aí senta Geledés, Maria Mulher e Criola, e desenha uma proposta de convocar as organizações de Mulheres Negras para um debate a cerca dessa ação política em relação à Conferência. Aí a gente faz essa convocação, passa as informações, discute, foi no Rio, inclusive, e aí, o grupo chega à uma conclusão que deve formar uma articulação para agir para a III Conferência. Aí nasce a Articulação de Organizações de Mulheres Negras rumo à III Conferência. Nessa ação houve um encontro promovido pelo IFEM, Ministério da Justiça...

V.A. – Em Brasília?

L.X. – É. Nesse encontro a gente alarga, abre um pouco mais. Amplia de fato essa articulação, e entram também mulheres de organizações mistas que têm a perspectiva de gênero e raça na ação política e queriam engrossar essa luta. E aí a gente já inicia com o número de 19 ou 20 e poucas organizações... Era até mais...

V.A. – Tinha inclusive de outros países da América Latina, na reunião, não?

L.X. – Tinha. Tinha gente do Uruguai, tinha gente de outros lugares.

V.A. – Mas essa Articulação é brasileira?

L.X. – É brasileira e sempre teve a perspectiva de ação nacional. Até porque o Movimento de Mulheres Negras já tem uma perspectiva internacionalizada há muito tempo, e a maioria das mulheres já fazia parte da Rede Latino Americana e Caribenha de Mulheres Negras. Mas nacionalmente nós não tínhamos nada estruturado com certa agilidade. Tem o Movimento de Mulheres Negras, que agora se funda em um fórum, mas, na época, ainda não estava em condições de tomar decisões políticas para agir nessa Conferência. E aí a gente aproveita o momento para formular uma articulação. Quando nós chegamos nesse encontro, a Articulação já estava formulada. E é aí que a gente estrutura, porque ela já estava formulada como uma rede que troca informação... E sai dali uma coordenação...

[FINAL DA FITA 2-B]

L.X. - ...Na Conferência, e logo imediatamente...

V.A. – Que o Amilcar estava perguntando se foi criada para a Conferência, e como é hoje?

L.X. – Foi criada para a Conferência, aí nós criamos e nossa primeira incidência política é na Conferência Regional em Santiago do Chile, onde a gente chegava com 22 mulheres, de jovem à velhas militantes de todo o país, e sem experiência em conferência. Nunca tínhamos ido a uma conferência, a maioria... Nós da Criola não tínhamos ido a Cairo ou Beijim, se não me engano, por uma questão política.

V.A. – Por quê?

L.X. – Nós discordávamos do financiamento, que era feito pela USAID. Então como a maior parte do financiamento era USAID, nós resolvemos não ir. Porque o que funda a Criola é uma ação política contra a esterilização de mulheres negras, foi uma forte campanha que inicia no CEAP a contextualização, e que toma o Brasil inteiro. Então a USAID sendo a base dessa ação de esterilização, a gente não tinha como aceitar recurso da USAID para ação em Beijim. Aí nós não fomos, ficamos fora da conferência.

V.A. – E não tinham tido ainda nenhuma experiência de conferência internacional...

L.X. – Duas ou Três mulheres que tinham ido a Beijim, e uma outra do Geledés que já fazia esse trabalho há algum tempo. Mas nesse encontro em Brasília, nós vamos contar com muitas, porque já no encontro de formação da articulação, a gente chama algumas mulheres para ajudarem a gente a pensar isso.

V.A. – Aqui no Rio?

L.X. – É. Vânia Santana é uma delas, e Sueli Carneiro. Vânia com uma larga experiência em relação internacional com a questão racial, intelectual, pesquisadora... Sueli Carneiro... Bom, o que vocês sabem do Movimento Negro tem o nome de Sueli Carneiro, então... Elas, as duas, e mais outras pessoas que eu já não me lembro mais mesmo. Foi em 2000, mas parece que foi há muito tempo. Elas discutem essa perspectiva conosco, a gente sai então com essa Articulação, vai para Brasília, e em Brasília a gente tem o aporte de outras intelectuais, Luísa Bairos, que também é um nome importante na tradição do Movimento Negro e de Mulheres Negras, Sônia Corrêa, que é um nome fundamental na questão feminista e de ação em relação a ONU... E elas vão nos dar o suporte que faltava, não só nesse encontro em Brasília, mas também, depois.

Mas a experiência era nenhuma. A gente não sabia nem como começava, nem como terminava. Resolvemos então, com base no que a gente estava ouvindo das feministas e das pessoas que já tinham participado, convocar uma reunião, da qual, dali começa a nossa

dificuldade com o Movimento Negro, porque aí acharam que a gente estava passando a frente... Convocamos uma reunião com todo mundo e resolvemos estruturar o trabalho. Qual vai ser o trabalho? Vai ter uma comissão que fala com o embaixador, outra comissão que faz não sei o quê, outra comissão que vai atrás da comida, outra comissão que vai ficar cercando pessoas, outra comissão que vai fazer plateia, outra comissão que vai fazer barulho... E quando nós vimos, só tinham mulheres. Bom, então fomos nós mesmos. Tomamos, levamos de lavada a Conferência do Chile, toda ela. Conseguimos alguns aliados masculinos, que viram que tinham que se plantar, se plantaram, trabalharam, a maioria não falava espanhol, a maioria não sabia onde estava, nem o que estava fazendo, mas junto todo mundo: “Fulano, tem que rever o texto, construir o texto... tem que fazer isso...” E deixa estar que a gente já... Começava a se desenhar na América Latina uma outra organização que agrega a Rede Latino-americana e Caribenha de Mulheres Negras também, que é a Aliança Latino americana e Caribenha. A Aliança estratégica contra o racismo vem já trazendo as outras lideranças do Movimento Negro latino americano e caribenho e a Afro-América 21, que também vem com uma outra tendência, fora os americanos... E esse intercâmbio que já existia antes se engrossa lá.

Nós conseguimos fazer uma estratégia tão positiva, que exceto o capítulo da mestiçagem, que nós não nos responsabilizamos por ele, todo o restante foi conquista das mulheres: Falta terra dos Quilombos, a gente enchia o saco dos embaixadores, negociávamos com os embaixadores de fora, começamos a fazer as articulações, é com Fulano que precisa falar, chama Beltrano... Gente que a gente achava que não servia para a gente para fazer nada, mas servia para perturbar o juízo de alguém, a gente ia lá e pedia para essa pessoa fazer esse trabalho... Outro sentava no seu computador e digitava o texto, outra saía correndo para tirar xerox, a outra vinha e entregava na mão, perturbavam... “Precisa de alguém para ficar atrás do embaixador.” Aí ia. Conseguimos fazer o embaixador se reunir conosco várias vezes, todos os dia ele tinha uma hora marcada conosco.

V.A. – O embaixador do Chile?

L.X. – Do Brasil.

V.A. – O embaixador do Brasil no Chile?

L.X. – No Chile. Gilberto Sabóia. Fizemos apresentação de toda a delegação, que já era muito mais do que a gente tinha pensado. Dissemos qual era a proposta das mulheres, já chegamos lá com carta aberta, com não sei o quê... E entramos na reunião. Começamos no Fórum de ONGs, que levamos um susto, porque a comunidade indígena vinha para “lavar a égua”, depois pegamos...

V.A. – Não entendi...

L.X. – Porque os povos indígenas são muito bem organizados na América Latina, ou também tem muita gente que apóia o movimento. Ao contrário do Movimento Negro, que não tem essa mesma expectativa. Então, a comunidade indígena chegou com as suas propostas, com as suas definições, agora, não dá para defender terra indígena se não defender terra quilombola, não dá para discutir que tem uma questão rural e uma questão urbana, então, a gente teve que fazer todos esses cortes. E encontrar terminologias que se aproximassem tanto da questão indígena, quanto da questão negra, e também terminologias que definissem quem somos nós nessa história. Nas Américas e Caribe, deu tudo certo, depois esse drama vai aumentar no caso de Durban. Mas também, tivemos que discutir e encontrar formas de dialogar com os povos indígenas que não fosse via organizações brancas, porque no caso da América Latina e do Caribe isso é uma marca.

Aí fundamos junto com a Aliança, via Rede, aí tinha que ser via Rede, porque a Articulação não se filiou à Aliança, e nem nós como organização, como Criola, nos filiamos à Aliança. Então, nós tivemos que, via Rede Latino americana, trabalhar uma mesa de diálogo com os povos indígenas. Que também foi bastante rico, porque aí se abriu uma discussão com os grupo indígenas que não faziam parte do que já é esperado das comunidades indígenas, da Rigoberta Menchú, do Fulano e da Beltrana... Nós conseguimos trazer outras lideranças que não tinham... Não esvaziamos as outras, mas engrossamos, trazendo outras liderança para a discussão de um diálogo mais proficuo nas propostas. **[imcompreensível]** uma série de documentos, uma série de ações, a Aliança ajudou também a interferir nos processos latino americanos e caribenhos, e americanos, até que começamos a participar também das conferências preparatórias da Conferência de Durban. E essas eram cruciais, porque na verdade, o problema não estava na Conferência de Durban, estava antes da Conferência de

Durban. Onde é tudo decidido, e se a gente não tivesse essa interferência, não seria muito positiva nossa ação em Durban. Então a coordenação da Articulação conseguiu recursos do UNIFEM para bancar exatamente a coordenação, três mulheres, para fazer essa representação política. E no nosso caso, de Criola, nós não temos apoio da Ford, então, outros grupos conseguiram apoio da Ford, inclusive, para acompanhar, e lá também fizemos a mesma coisa, nos juntamos e atuamos em todo o processo de preparação da Conferência, que foram os grandes debates. Durban não chegou aos pés desse processo de preparação.

A.P. – Genebra?

L.X. – As três em Genebra. Nós fomos às duas últimas. A segunda que cria todo o impasse em relação à participação dos Estados Unidos, a questão da reparação, onde a gente faz uma ação histórica: Via Aliança, a gente consegue juntar as ONGs africanas e de Afro-descendentes do mundo inteiro, funda um fórum africano, um fórum africano e afro-descendente de organizações, limpa a área, porque na verdade eles tinham a ideia de que africanos fora da África foram porque quiseram, nós tínhamos que dizer que não era bem assim, nós que passamos na árvore do esquecimento, não eles...

V.A. – Não entendi.

L.X. – Porque eles têm uma ideia de Afro-Descendente, quem nasce na África, e que é descendente de africano, mas que saiu da África por algum motivo, por migração... Essa perspectiva de Afro-Descendente filho de africanos escravizados, não estava clara para eles. Sabe assim quando tem um corte histórico, um vácuo? Sabia da escravidão, mas a contemporânea era mais presente do que a do passado, a transatlântica. E tinha ficado lá para trás para o perdão. As consequências disso não estavam claras. Até porque a perspectiva de afro-descendência africana era muito americana, não era latino americana, nem caribenha. Então a gente teve que trabalhar muito isso, mostrar que não era bem isso, essa ascendência que a gente chamava para nós, tinha a marca da escravidão, e que essa marca não teria desaparecido. E também chamar a atenção deles, de que de certa maneira, contribuíram com isso. Depois definir que a reparação não devia ser uma ação de Estado, mas sim da sociedade, ou seja, era reparar mais os pobres do que os Estados africanos, porque eles contribuíram

com a escravidão. Então se havia um débito humano, não era para os Estados, era para as pessoas, para os povos. Isso foi bom.

E a coisa fantástica, maravilhosa, que é ouvir esse encontro das poesias as falas... O Amauri chegou ao seu ponto auge, que ele esperou a vida inteira, para preparar a carta de... Ele que fez a carta inicial que a gente leu para os povos africanos, depois as lideranças falaram, as mulheres, aí é tudo negociado... E como sempre, as mulheres avançaram muito porque, enquanto o fórum tinha um problema para se comunicar, se articular, falar... As mulheres se juntaram em um grupo, em um GT de trabalho que levantou a situação das mulheres negras no mundo inteiro, e construiu-se um documento, a partir do quê? A partir da interferência das intelectuais americanas, que se colocaram a disposição para juntar tudo isso e montar um documento. Eu não tenho esse documento, mas eu acho que no Criola tem, faz parte do acervo da Articulação, que é um documento que constrói essa ideia da interseccionalidade, das opressões que vem a mulher negra, como que essa situação é igual em todo o mundo... As mesmas questões do trabalho, da sexualidade, da vida em família, da discriminação...É tudo tão parecido, que no final a pessoa fala: “Será que ela está de onde?” Parece Bangu, de tão próximo que está. E também, a troca, essa troca que era intensa na década de 1980 com o Movimento Negro internacional, a troca das perspectivas que as mulheres tinham em outras ares, por exemplo: Na minha cabeça nunca tinha passado que nós devíamos lutar para a devolução dos tesouros africanos que foram retirados da sua terra. Até tinha uma dimensão de museu bem pior do que eu tenho hoje, porque antes eu achava que era aquilo mesmo, era o museu. Mas na medida em que as mulheres iam dizendo, e essas frases foram ficando tão presentes... De que na verdade eram antepassados que não conseguiam dar descanso aos seus povos, nem a si mesmo nem aos seus povos. Porque um antepassado que não volta para a terra, que não é enterrado, que não é cultuado, ele fica perdido e seu povo também. E as mulheres falavam disso com uma força, que a minha vontade era chegar, pegar todas as múmias, botar dentro de uma caixa e devolver: “Tem que voltar para a sua terra.” Sabe assim?

Hoje mesmo no começo da exposição do Museu Etnológico de Berlim que está aí no Banco do Brasil, eu estava em um felicidade: “Vou ver as peças...” Quando eu comecei a ver as peças eu disse: “Que absurdo! Tem que devolver isso tudo.” E era tão engraçado, porque todo mundo tinha a mesma reação. Primeiro que quando você chega lá, você encontra uma reação muito negativa do público. Se passa um negro, o público sempre fala: “Que coisa feia,

que coisa estranha. Isso dá medo.” Mas a reação dos negros também é muito estranha, fica todo mundo assim: “Roubaram isso tudo. Que absurdo... Tem que devolver.” No final, já estava também querendo devolver o que, inclusive, está lá no museu. Torcendo para que algum país desse doido, resolver tomar.

Além disso, as outras dimensões de vida que as mulheres negras estavam enfrentando, como essa sobre a concepção da ancestralidade que não consegue voltar, que não consegue dar descanso ao corpo, não consegue dar descanso ao espírito daquela comunidade... Os dramas da Aids, os dramas da violência, os dramas da pobreza, os dramas de uma reserva territorial que se faz na África, que vai deixando as pessoas relegadas ao quinto plano... E o quanto as mulheres negras ainda são a base de todas essas sociedades, é de impressionar... Então, enquanto a discussão política de formação de um fórum para atuar seguia, as mulheres foram compondo todo esse conjunto de informações de necessidade para dar conta da ação política em Durban.

Quando nós chegamos lá, a gente já sabia o que precisava agir, como agir, e traçamos uma outra grande estratégia, aí com homens e mulheres, e com organizações brancas, utilizando as capacidades técnicas, as capacidades políticas de cada pessoa de cada organização, para enfrentar determinadas situações no processo da Conferência. E eu creio que foi vitoriosa exatamente por causa disso. Nós agimos como sempre agíamos, tomamos a frente do processo, mas soubemos aproveitar todos os instrumentos que estavam a nossa disposição. Desde dizer: “Você é branca, não está nos ajudando. Tem que começar a ajudar agora, então, você sabe bem falar, mas tem que falar isso, não pode falar outra coisa...” Até gritar, xingar: “Vocês estão deixando a gente aqui na porta... Isso é um absurdo.” Fizemos de tudo. E acho que foi bastante promissor tudo nós conseguimos lá.

Dá até um orgulho, porque ter um grupo... A Articulação, por exemplo, chegou em Durban com 12 mulheres, acho que 15 mulheres financiadas, mas com um grupo de quase 50 mulheres. A Articulação mesmo financiou cinco mulheres, mas a sua direção, que eram três organizações na época, mas outras organizações que estavam envolvidas com a Articulação, buscaram recursos para atuar dentro desse princípio. Então isso foi muito positivo. Definiu quem eram as pessoas que deviam estar lá, definiu papel elas iam cumprir, definiu as estratégias de ação, então foi bastante vitoriosa.

V.A. – Hoje a Articulação é composta como?

L.X. – Depois que nós viemos de Durban fizemos a avaliação e descobrimos que fomos melhor do que a gente pensava. E aí, as organizações decidiram que para ação política no Brasil, depois de Durban, não só por causa dos resultados da Conferência, mas também, pela nossa saúde, a gente decidiu que devia seguir politicamente. E aí, nos articulamos, espero que eu não esqueça o ano, ano de 2002, em um encontro em abril no Amapá, nos articulamos como Articulação mesmo. Ela saiu de três organizações dirigentes para cinco organizações dirigentes com uma secretaria executiva, que somos nós, Criola. Esse é nosso segundo mandato como secretaria.

V.A. – Não há pessoa física, são todas jurídicas?

L.X. – Organizações.

V.A. – Quais eram as três dirigentes iniciais?

L.X. – Maria Mulher, Geledés e Criola.

V.A. – São as que fizeram aquele encontro no Rio de Janeiro, o primeiro.

L.X. – Isso.

V.A. – As cinco depois de Durban?

L.X. – IMENA dom Amapá, Instituto da Mulher Negra do Amapá, Um grupo de Mulheres Negras de Goiânia chamado Malunga, a Coordenação da Articulação Nacional das Comunidades Quilombolas, Criola e o Geledés.

V.A. – Então saiu o Maria Mulher...

L.X. – Só o Maria. Aí houve uma eleição e as organizações membro decidiram por isso.

V.A. – E quantas organizações membro?

L.X. – Agora 20... Não sei se são 21 ou 22.

V.A. – Contando com essas cinco que estão...

L.X. – Contando com todas elas.

V.A. – E a Criola está agora...

L.X. – Nós somos, agora, Coordenação e Secretaria Executiva.

V.A. – Isso também é um cargo rotativo?

L.X. – Tudo é rotativo.

V.A. – Vai haver eleição depois...

L.X. – É. Nosso mandato está quase acabando. Como é que funciona a Articulação? Ela funciona como uma articulação: Todas as decisões são tomadas coletivamente. A coordenação pode tomar decisões em nome do coletivo, que não implique em ações estratégicas, que não implique em mudanças muito profundas. A coordenação funciona em um coletivo de cinco, e nós só executamos o que a coordenação e a própria Articulação decide. Por exemplo: Se vai alguém representar a articulação em um conselho. Agora mesmo eu fui eleita para a representar a Articulação no Conselho de promoção da Igualdade Racial. Eu fui eleita por esse conjunto. Como nós funcionamos? Que é o mais engraçado: Nós funcionamos via Internet. É engraçado porque nós somos organizações muito pobres, poucas com estrutura razoável, e a maioria com poucos instrumentos tecnológicos... Mas como nos comunicar? Via Internet ou telefone. Nossa coordenação é complexa. Nós somos uma em São Paulo, outra no Rio, outra no Amapá, outra em Goiás e outra no Maranhão. No Maranhão, como é coordenação, tem duas representantes, uma que mora no Maranhão e outra que mora em Pernambuco. Em Goiás elas moram lá mesmo, na capital, em São Paulo

também e IMENA reside em Macapá. Então, toda a nossa comunicação se dá via Internet, todas as decisões: Via Internet. Então quando o e-mail de uma está danado... E a maioria com e-mail grátis, ainda por cima... Mas é assim que a gente se comunica. Tudo vai para a rede, tudo passa por essa discussão coletiva. A gente tem uma proposta de financiamento, a gente diz: “Tem um concurso para recursos, o que devemos fazer?” Aí alguém diz. Se ninguém disser, a coordenação tem que tomar a frente e seguir dentro do que já tem planejado, porque nesse encontro no Amapá nós tiramos o planejamento de quase cinco anos.

V.A. – É engraçado, porque a própria Criola funciona também com um planejamento de três em três anos. É uma marca dessas organizações que você está participando, planejamento estratégico daqui a três anos...

L.X. – É. Nós aprendemos a fazer isso. Porque nós gostamos mais dos eventos, mas não tem como. Porque, por exemplo, a Articulação hoje é chamada para quase tudo, se a gente não tiver claro qual é o nosso objetivo, a gente perde muito tempo agindo em situações que não nos interessam.

Hoje nós temos assento no Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, então temos toda uma frente sobre as reformas, toda uma frente sobre as mudanças no Estado brasileiro. Também, por outro lado, temos que reforçar as organizações de Mulheres Negras, que são muito frágeis. Estas têm uma dimensão local muito poderosa também, que é a que nos ajudou a nos sedimentar como Articulação, você também imagina: Nós tivemos à frente de quase todas as conferências estaduais de luta contra o racismo, para a montagem da conferência nacional. Então, se a gente não tiver muito claro o que a gente tem que fazer, e mais no momento em que para a questão racial se chama essas organizações, isso a gente acaba perdendo.

Nós também somos responsáveis por uma ação política que, ao meu ver, também é muito interessante, que foi a construção do diálogo contra o racismo. Juntamos organizações brancas e negras e começamos a discutir que: “Ou vocês vem lutar contra o racismo, ou nós vamos continuar dizendo que vocês são antidemocráticos, racistas, sexistas...” Lavamos toda a roupa suja e construímos uma proposta política de trabalhar em conjunto. Vamos lançar uma campanha ano que vem contra o racismo. Uma campanha de mídia, grande. A frente desse diálogo, que tem como base o IBASE, através do Observatório da Cidadania, e

organizações como a AMB, Articulação de Mulheres Brasileiras, que por causa desse processo acrescentou à sua missão a luta contra o racismo, a comunidade Bahai, ABONG, ou seja, um extenso trabalho de articulação política também.

Então a gente tem que ter muito claro o que é para a gente fazer, e o que a gente tem que mandar fazer, senão a gente não vai conseguir alcançar os objetivos, até porque tem muito trabalho ainda na base. Tem toda uma discussão sobre Saúde, das péssimas condições, e as mulheres negras ainda são as maiores vítimas do Sistema de Saúde, vítimas de racismo, não é nem de falta de recursos. Tem ainda o problema da Educação, essa questão das cotas nos tomou muito tempo de ação política. Tem mesmo o empoderamento das mulheres, porque nós temos muito poucas lideranças negras, não é que nós temos muito poucas lideranças negras, nós temos muito poucas lideranças negras em evidência. Temos até bastante, senão o Movimento não se suportaria... Nós temos muitas tarefas, então não tem como... A gente utiliza essa estratégia de planejar e tudo mais, por causa disso. Tem que incidir em quase tudo, e como é uma articulação grande, você imagina, tem gente que atua com Direitos Humanos, com Saúde, com Sistema Penitenciário, com Meio Ambiente, então os interesses da Articulação têm que estar mais visíveis, tem que ser definido, senão a tendência é fazer muita coisa. E esse planejamento só nos ajudou a tirar linhas mestras que a gente precisa dar conta.

V.A. – Ao longo da nossa entrevista você falou que uma das coisas que os movimentos de esquerda devem muito ao Movimento Negro é que eles nunca encamparam a ideia do Movimento Negro. E hoje em dia a gente tem aí uma SEPPIR, que é... O Amilcar está com...

L.X. – Mas do que encampar as ideias, eles nunca lutaram contra o racismo, o que é diferente. Porque poderiam não ter dado a menor bola para o Movimento Negro, mas não encampar a luta contra o racismo é uma cegueira, se é que eu posso usar essa expressão... É uma estratégia política muito importante da esquerda brasileira.

V.A. – E hoje em dia me parece que um candidato, seja de direita ou de esquerda, que não incorpore algum discurso a favor do fim da discriminação racial... Ele já não está mais a frente do seu tempo, ou contemporâneo. Você acha que o discurso, em tese sim, mesmo... Ele tem pelo menos que falar a esse respeito, ou não?

L.X. – Não. Em tese. O Bush não fala nunca sobre a questão racial e só atua na questão racial, só atua nas questões étnicas raciais. Eu acho que a questão racial tomou nos últimos 20 anos um – vou usar a expressão étnica para a gente poder ampliar um pouco mais –, uma centralidade na ação política mundial profunda. Os militares mesmo já diziam isso: “Que já havia estudos que diziam...” Mas eu ainda sinto falta de uma discussão mais verdadeira em relação a isso. O fato de ter uma Secretaria, eu acho que é um ganho fundamental, ter ministros e ministras negras, eu acho de um ganho fundamental, mas concretamente, “na real”, como diz o outro, “à vera”, ainda não está claro não. O PT espelha isso. É só pegar o último estudo da Vânia Santana sobre as assimetrias raciais, você vai ver que o PPA passa ao longo, apesar de ter um mega objetivo falando sobre a superação das desigualdades raciais, que várias vezes o ministro da Saúde dizia que eram desigualdades sociais. Ainda assim, o ponto racismo é uma dimensão individual, e isso ainda não foi superado. É um problema das pessoas.

V.A. – Como assim?

L.X. – Essa ideia de que o racismo é um problema das pessoas, que o Estado brasileiro não é racista. Mesmo quando o Fernando Henrique dizia isso, e falava várias vezes em vários discursos, mesmo assim você não via um conjunto das ações. E olha que ainda torno a dizer que nós somos vitoriosos por tudo isso. Pelos vários GTIs, pela Secretaria, por tudo mais... Mas o esforço é de fato... O esforço que eu precisava ver para ter certeza disso, pelo menos no Brasil, é o esforço da redistribuição de renda. Enquanto não tiver isso, ninguém abriu mão do seu privilégio. Nós é que estamos abrindo mão da responsabilidade de ficar tentando resolver o problema. Mas ainda a sociedade brasileira, o Estado brasileiro, ainda não tomou a coragem de dizer: “Então está bom! Nós vamos tirar daqui e passar para cá.” O debate de cotas é isso, é um pouco, eu diria, o reflexo da dificuldade de se abrir uma ação concreta contra ao racismo. E eu não sou das pessoas que acham que o racismo vai acabar não, eu só estou querendo acabar com a desigualdade racial, no mínimo. Porque o racismo faz parte da relação humana, não vai acabar. É só que alguém tem que ficar constrangido quando agir com racismo. Mas que a ação concreta, real, de mudança de vida... Você imagina: Um país como o nosso, que se diz democrático, que viveu 300 e não sei quantos anos com escravidão,

passa 100 e poucos anos dizendo que é democrata, e ainda não consegue viver com negros no dia-a-dia, andando pela rua. Eu ando pela rua, eu vejo quanta gente segura a bolsa quando eu passo. Você imagina se esse povo vai abrir mão de algum benefício, não vai. Mas não vai mesmo. Nós é que não damos descanso. Nisso a minha fé não me ajuda. Eu não consigo ver esperança, eu vejo ações, das quais eu mesmo faço parte, que vão empurrando essa barreira, mas que de lá para cá seja mais fácil, eu não vejo. Como minha tarefa é essa mesmo: Sair empurrando...

V.A. – A gente pode dizer que isso aqui é vitória do Movimento Negro.

L.X. – É vitória do Movimento Negro, mas ainda não é... Não é uma ação da esquerda. É isso que eu quero dizer. É vitória do Movimento Negro que está na cara...

[FINAL DA FITA 3-A]

L.X. - ...Gente dizer que o Lula é mais retrógrado que o Fernando Henrique, porque o Fernando Henrique dizia, escrevia, falava, e encerrou o discurso dele na presidência dizendo, que se em alguma coisa ele se orgulha de ter feito, foi ter feito uma ação para diminuir a exclusão de mulheres negras, da qual ele acredita que eram as maiores vítimas desse processo no Brasil.

L.X. - ...Muito difícil. Mas coragem seria se eles, de fato investissem com coragem. Dizendo assim: “Não. Se eu tenho que levar 50 anos para diminuir o nível da Educação, eu vou elevar em 5. Eu vou fazer.” Aí sim. Mas eu ainda vejo muita...Não é balela, mas escorrega muito. A história ainda é muito mal contada. Escorrega muito, as estratégias são muito frágeis, essa estratégia de cotas no Rio de Janeiro é vergonhosa, aquilo é vergonhoso. Se eu sou negro pobre e deficiente, pronto, perdi três pontos. Como? Como se eu só tenho 20 % das vagas, ainda vou perder só porque sou negro, pobre e deficiente? Não é possível isso. Ao invés de ampliar, diminui. Aí não pode se auto declarar... Deixa as pessoas se auto declararem, não vejo problema nenhum nisso. Se você acredita que você é negra, ótimo, se declare como negra. Eu não vejo problema. Qual a vergonha disso? “Porque está mentindo, está roubando.” Mas nós vamos passar a vida inteira dizendo que cidadão é alguém que não se pode confiar?

“O jovem negro não quer a cota.” Então não use a cota, não vejo problema também. É o direito dele tentar por outros meios... Agora, que precisa fazer um esforço para diminuir esse fosso de 500 anos precisa. E só se diminui esse fosso investindo. Não tem outro jeito.

Sabe qual é a impressão que eu tenho no Brasil hoje? É que nós vivemos um pós-guerra. Se não houvesse uma ação contra o pós-guerra, a Europa estava na mesma situação de 40 anos atrás. O racismo é a mesma coisa. Só que o racismo é uma guerra que destrói todo dia. Como ele não destrói a estrutura física, como ele não abala a vida social dessas pessoas, elas acreditam que não têm responsabilidade nisso, que ao meu ver, revela só a burrice de uma elite como a nossa, que não tem amor a esse país. Não precisa ter amor pelas pessoas desse país, mas amor ao país: “Eu sou brasileiro, pronto acabou.” Não, não tem. Se pensa em outro lugar, vive a dimensão platônica. A massa corpórea, o mal está aqui, e o espírito está lá na Europa, lá nos Estados Unidos. E suga daqui o néctar, a vida, alimento e ponto. Vai morrer mesmo esse corpo, então vamos transmitir tudo para lá, porque aqui está a sombra, lá está a luz, então quando chegar lá está tudo “ok”. E não percebe que empobreceu essa nação, que deixou essa nação ignorante, que deixou essa nação pobre, em todos os sentidos, inclusive no sentido intelectual... Nem americano é tão burro assim! Sinto muito a minha discriminação, mas... Não vejo porque ter uma massa de gente ignorante, uma massa de gente pobre, um massa de gente que não come, uma massa de gente que não pensa... É uma burrice total. Eu vejo, imagino isso. Eu tenho um verdadeiro desprezo por essa elite, porque ela é de uma maldade profunda. Eu não tinha nem ideia que eu tinha tanto desprezo a ela, porque realmente... Mas não é?

Porque ser rico, milionário, viver 100% com toda a riqueza, ótimo! Mas não é possível apostar nisso destruindo a nação, não é possível. Isso é destruir a nação. E não é nenhuma ideia globalizante, dizer: “As fronteiras da nação se alargaram. Não existe mais Estado-Nação. Nós somos internacionais...” Mas não é isso. É a expropriação colonialista, assim como eu vi. A visita do Lula na África era isso: Um novo colonizador. Não era parceiro, gente que está disputando a construção de mercados mais solidários... Que é uma disputa econômica, a gente está vendo que é, mas parecia um novo colonizador. Eu realmente fico impressionada... Esse esforço eu ainda não vi. E aí eu sinto muito. A sensação que eu tenho é que nós não andamos muito não.

V.A. – Deixa eu fazer uma pergunta pessoal. Você falou da sua origem, da sua iniciação no Candomblé, que era toda a influência da sua mãe, do catolicismo, do espiritismo, e falou, no meio da entrevista, que você fez análise, também nesse processo de construção de uma identidade, afirmação de uma identidade... Você fez análise durante muito tempo?

L.X. – Fiz, 11 anos da minha vida.

V.A. – E te ajudou?

L.X. – Ajudou. Eu fiz, na verdade, análise por dois motivos muito importantes: Um processo pessoal que eu vivi, que eu achei que eu não estava suportando essa dor, e quando essa minha tia morreu, essa pessoa...

V.A. – A Maria Regina?

L.X. – É. A sensação que eu tinha era que a minha mãe tinha morrido. E foi a mesma sensação, um pouco pior, quando a minha própria mãe morreu. Não era um vazio, não era isso. Mas era um momento muito especial. E aí, como eu achava que era uma pessoa dessas fortes, legais... Não suportei, vivia muito triste, e aí fui fazer análise.

A análise me mudou. Me transformou. Assim como o Movimento me transformou, a análise me transformou. E acho que me ajudou, inclusive, a tomar algumas decisões nesse campo do Movimento. Uma delas é: Somos todos negros, mas não somos todos iguais. Talvez o que eu tenha ajudado o meu analista a pensar na questão racial seja de que ele precisa enfrentar a diferença, mesmo como analista. Não pode acreditar que a experiência psíquica das pessoas tenha uma mesma marca o tempo inteiro. Tem que ver a contribuição...

V.A. – Era branco?

L.X. – Branco. Homem e branco. E o que ele me ajudou foi pensar exatamente essa mesma diferença, mas dentro dessa coisa homogenia de ser negro. Porque ele ressaltava a minha diferença nesse processo, e foi fundamental para eu poder ajudar a estruturar essas coisas. Viver os meus desejos, viver os meus interesses. Ainda mais eu, que faço aniversário

primeiro de janeiro, que até uma certa idade achava que aquela festa toda era para mim. Depois eu descobri que não era.

A.P. – Eu sei exatamente o que é isso. Eu faço aniversário dia 31 de dezembro.

L.X. – Pois é! Esqueci disso! É triste...

A.P. – Somos três. E quando eu vim trabalhar aqui, trabalhávamos um do lado do outro, eu Regina, que é auxiliar de pesquisa também, e o Clodomir que trabalha na sala do lado. Os três de 31 de dezembro.

L.X. – Pois é. Um drama... E aí depois que eu descobri que essa festa toda não era para mim... Mas eu só fui descobrir isso na análise. Como eu vivia triste, porque ninguém ia no meu aniversário, estava todo mundo... Hoje eu faço aniversário em casa, não aceito um presente só, ainda tem isso. Esse negócio de Natal e Ano Novo, eu fui lá... Eu digo: “Bom, então só vou te dar um presente, ou no Natal ou no seu aniversário.” Mas no meu aniversário é um presente, no Natal é outro presente. Ajudou muito. É lógico que em outras questões também, isso é o que é possível contar.

A.P. – Acho que vou fazer análise também.

L.X. – Foi muito bom. Quando meu analista me ajudou a perceber isso, eu falei: “Então está bom. Daqui para frente vai ser assim.” Tanto que até hoje as pessoas vão a minha casa no dia primeiro. Elas falam: “Porque não faz aniversário dia 5?” Eu digo: “Eu faço dia primeiro.” E é horrível... Porque elas se sentem obrigadas a ir. Mas eu também não ligo: “Tem que ir.” [risos] E foi importante, até porque, depois eu vivia um processo... Quando eu comecei a fazer análise eu também trabalhava na rua. E viver a violência policial, no meu caso... Essa violência foi profunda. Eu apanhei da polícia em 1988 na rua.

V.A. – Na Marcha?

L.X. – Não. Na rua, em um trabalho de rua. Antes da Marcha.

V.A. – Conte então.

L.X. – Estou com medo da hora...

V.A. – Desculpa.

L.X. – Mas eu levei uma surra. Eu estava trabalhando e estava chovendo, fui ficando com os meninos conversando...

V.A. – Na rua aonde?

L.X. – Largo da Carioca. E aí chega a polícia. E a polícia já ia sempre, toda noite, fazia um estrago... Mas eu trabalhava com meninos muito pequenos, o mais velho tinha 11 anos, por aí, 12... E aí um dos meninos sentou do meu lado, pegou minha pasta e se apoiou na pasta, uma pasta dessas de polionda, o policial falou: “Me dá a pasta.” Eu falei: “Não é minha a pasta.” Aí ele falou: “Então a senhora dá a pasta.” Eu disse: “Não vou dar não.” Ele disse: “Mas tem que dar a pasta.” Eu disse: “Não vou dar.” Aí ele: “Mas eu tenho que revistar a sua pasta.” Eu disse: “Então a gente vai na delegacia e o senhor revista a pasta.” Mas nisso, quando eu vi, ele caiu de pau... Mas eu apanhei muito, mas muito. Eu só via a mão dele bater. Era de um lado era de outro, coronhada... Eu apanhei muito mesmo... E o engraçado, é que eu consegui ter uma lucidez enorme, que eu não reagi. Eu só falava para ele: “Olha a droga que o senhor está fazendo. Não é nada disso. O senhor está exagerando...” As crianças todas, já armadas de pedra, de pau, de tudo quanto era coisa... Eu já estava vendo a desgraça que ia dar. Se eu reajo, elas reagem também. E aí foi juntando gente, e ninguém reagia, ninguém falava nada, ninguém fazia, só chegava mais policiais, e mais confusão... Até que alguém, por acaso, um advogado de um sindicato, João Custódio, não lembro se era dos médicos, alguém falou alguma coisa e ele reagiu. Aí nisso que ele reagiu, consegui parar a confusão. E aí ele foi comigo até a delegacia, aquele bando de criança atrás, e aí era uma confusão, porque os caras queriam dizer que aquilo não era racismo, e que era o trabalho deles... Até visita de corregedor na polícia, porque a polícia tem alguém que faz uma supervisão... Apareceu naquele dia na delegacia, e o cara dizendo que não, que é assim mesmo, todo mundo tem que

ser revistado... Bom, eu que já tinha um firme propósito de acabar com a revista pessoal, aumentou até hoje. Para mim, um Estado de Direito não pode ter revista. Ninguém pode ser revistado só pelo fato de andar pela rua. Você tem que ter um motivo sério para impedir um cidadão ou uma cidadã de caminhar, de andar... Isso não é segurança, é autoritarismo. Aumentou essa minha certeza. Não só porque eu já tinha passado por isso, mas porque eu já era contra isso mesmo. Mas como era 1988, então ficou aquele drama: “Isso é racismo... Não é racismo...”

V.A. – Foi depois da Constituição?

L.X. – Não. Foi bem no início de 1988, foi antes da Marcha, inclusive. E aí, aquela confusão toda... Eu passei vários dias sem dormir porque achava que o policial estava lá embaixo. Ele ameaçava constantemente. Ele me ameaçou quase dois anos seguidos. Batia nos meninos, mandava recados. Até os educadores de outras áreas sabiam o que tinha acontecido, porque ele falava, mandava recado... E era um homem branco e um homem negro. Uma hora passava a dificuldade para o negro, outra hora era para o branco... Enfim o caso se resumiu em que eu era uma companheira dele que encontrei com ele na rua e com uma cena de ciúmes, empurrei ele, ele me empurrou, e aí, como a pasta me arranhou e arranhou ele, nós tivemos uma briga corporal por ciúmes.

Então a advogada que me atendeu, levou muito tempo para mudar essa coisa. E depois eu mesma fui deixando de lado esse troço, porque era tão estranho aquilo, que cada hora que eu via o processo, eu ficava pensando: “Como é que eles conseguiram montar essa história? Tão boa essa história.” Era uma história tão verídica sabe? Que se eu mesma não tivesse certeza do que tinha me acontecido, eu acreditaria. Como que eu conheço um cara... Amante do cara, e brigo com ele no meio da rua, fardado, inclusive. Era muito legal.

E porque eu estava comentando isso?

V.A. – Você fez análise...

L.X. – Essa minha inserção no trabalho da rua, me deixava muito próxima das mazelas da questão racial, mais do que as que eu já tinha vivido. Porque a rua era outro mundo, e era só criança negra, e era um abandono, um abandono que eu, por exemplo, como uma filha de

uma família pobre, paupérrima, que era só uma mulher esteio da família, tinha por algum motivo, não entrado naquilo. Tinha algum motivo que fez com que a minha mãe conseguisse nos reunir naquela circunstância e que hoje não permitia mais...

Então era uma loucura... Eu vivia ameaçada pela polícia, sendo revistada, tendo dificuldade de andar pela cidade por causa disso... E meu analista me ajudou muito a pensar nisso. O fato de sermos todos negros, pobres, na rua... Nos trás uma identidade, mas não significa a mesma coisa. Eu não era uma menina de rua, não fui. E tinha outra função, outro papel, outra coisa a fazer.

Isso foi muito positivo, inclusive porque foi nesse trabalho que eu começo a fazer a distinção dessa questão de gênero também, que era tudo muito teórico, e lá eu via na prática que tudo era para menino, no máximo, desde a maior quantidade de porrada até a maior quantidade de comida. E que para as meninas era tudo muito complicado, muito complicado. Quando se falava em menina alguém falava: “Vamos fazer um curso de corte e costura, de...” Quando falava menino: “Vamos botar na mecânica... Menina não vai dar para isso não...” Quando engravidava era um drama. Era tudo um drama... E aí eu fui tomando consciência que o negócio era bem complicado. E aí, de fato, optei pela questão de gênero como uma questão chave para agir contra o racismo, porque mulher negra só está nesse mundo porque é muito especial, porque senão não ia aguentar... Porque a situação é muito complicada. E aí a análise me ajudou muito a pensar essas coisas, a pensar essas dimensões da vida, e a enfrentar a dor que o racismo causa, que, de fato, é uma dor profunda... [emoção]

[FINAL DO DEPOIMENTO]²

² A fita 3-B não foi gravada integralmente.